



shhhh...shhhhh...shhh...
shhh...shhh...shhh...shhh...
Shhh...shhh...shhh...shhh...
Shhh...shhh...shhhhh...shhhhh



Até amanhã



Giovanna Machado Mori

SUMÁRIO

Capítulo I.....	3
Capítulo II.....	5
Capítulo III.....	7
Capítulo IV.....	10
Capítulo V.....	12
Capítulo VI.....	155
Capítulo VII.....	199
Capítulo VIII.....	222
Capítulo IX.....	255
Capítulo X.....	299
Capítulo XI.....	322
Capítulo XII.....	355
Capítulo XIII.....	388
Capítulo XIV.....	4141
Capítulo XV.....	444

Até amanhã

Capítulo I

E mais um dia começa. Muito igual a todos os outros. Sempre a mesma rotina de ligar o computador, fazer as aulas, conversar com meus amigos por ligação e olhar a paisagem pela janela. Às vezes, fico imaginando como as coisas eram antes de toda essa confusão. Como é a sensação de sentir o vento na nossa pele, correr pela grama, conhecer e abraçar os meus amigos. Minha cabeça já estava em um mar de pensamentos e suposições, até que tudo isso foi interrompido pela minha mãe, Sarah:

- Jade, chegou uma carta para você, de novo.

- Obrigada, mãe! Ah, é só mais uma carta do Lucas. Encontramos um jeito novo de conversar, ao invés de ser por ligações online.

- Mas como você sabe sobre as cartas? Nunca falamos sobre isso...

- Eu sei, mãe. Na verdade, eu andei lendo em alguns livros antigos e comentei com o Lucas. Achamos que seria legal conversar de uma maneira diferente. Mas não se preocupe, não é nada demais.

- Você sabe que eu não gosto de ver você lendo livros antigos!

- Ah mãe, nem são tão antigos assim! Você e a vovó conheceram o começo disso tudo! Até hoje não entendo o porquê de você não me contar e nem explicar nada...

- Ok, já chega. Tenho que ir para o hospital, essa semana está sendo bem cheia. Um beijo, querida.

Dei um beijo em minha mãe, e ela foi embora, muito apressada, como sempre. Todos os dias, penteava seus longos cabelos pretos, colocava uma máscara de tecido, o seu uniforme, que combinava com seus olhos azuis, e ia trabalhar. Ela sempre ficava meio nervosa quando eu perguntava sobre esse assunto. Quando eu nasci, saí do hospital e já vim direto para casa. Cresci dentro de quatro paredes e nunca saí, nem sequer vi meus amigos ou familiares pessoalmente. O único motivo que conheço para isso tudo é um vírus que surgiu em 2019, se espalhou pelo mundo e, até hoje, em 2035, ele ainda existe. Para uma adolescente de 16 anos como eu, que nunca fez nada do que minha avó ou até mesmo a minha mãe fizeram na minha idade, sempre me traz a sensação de que estou perdendo muitos momentos especiais, o pensamento de que eu não estou aproveitando a minha vida do jeito que eu poderia é o motivo de muitas das minhas insônias. Quando me dei conta, tinha esquecido de ler a carta. Corri e abri o envelope.

Jade,

Oi! Eu não acredito que aceitei essa ideia doida de mandar cartas! Minha mãe não para de me interrogar de onde tirei essa ideia. Mesmo assim, tenho que admitir que gosto bastante disso. Por aqui está tudo bem, estou fazendo o que faço todos os dias, você deve saber disso mais do que ninguém. A única emoção da minha semana é esperar as suas cartas chegarem. Acho que a vida está ficando cada vez mais parada. Só queria poder fazer tudo aquilo meu avô fez. Não quero crescer, olhar para trás e ver que passei a vida toda trancado em casa, mas temos que nos contentar com isso. Ah, quase me esqueci! Você tinha comentado sobre livros antigos escondidos na sua casa. Você conseguiu ler e descobrir alguma coisa? Vai me contando tudo.

Lucas

Há dois dias, eu encontrei uma caixa embaixo da cama de minha mãe. Sempre quando ela sai de casa para trabalhar, eu aproveito para explorar todos os armários e livros que eu posso. Só não pesquiso na internet porque qualquer pesquisa relacionada ao início dessa pandemia e de tudo o que aconteceu durante esse período até hoje é extremamente proibido. Dizem que, quem pesquisa esse tipo de informação é entrevistado pelo governo e ninguém sabe ao certo o que acontece. Livros antigos também não são mais permitidos nas livrarias, mas eu ainda tinha acesso a alguns. Depois de ler a carta de Lucas, percebi que esse sentimento pertence a todos os adolescentes da nossa geração e isso não pode mais continuar assim. Tínhamos que fazer alguma coisa, mudar a realidade. Então, eu tive a mais brilhante ideia.

Lucas,

EU TIVE A MAIS BRILHANTE IDEIA DO SÉCULO! Estamos cansados de viver assim, todos nós estamos. Mas sabe do que eu estou mais cansada ainda? De não saber absolutamente nada do nosso passado, do que originou tudo isso. Com isso em mente, montei um plano que vai mudar essa realidade, mas não posso fazer sozinha. Temos que descobrir o que aconteceu para que o mundo virasse esse caos, temos que ir atrás de respostas. Mas, para isso, precisamos ter acesso às informações restritas. Você se lembra do Valter? Aquele menino alto de cabelo castanho-escuro, mais ou menos na altura do ombro? Que sempre anda com umas roupas largas e surradas? Pois bem, fiquei sabendo que ele tem acesso a um site secreto, onde podemos pesquisar qualquer coisa sem sermos descobertos. Deve ser por isso que ele se mete em tantos problemas! Temos que falar com ele, pedir o acesso ao site e começar a procurar. Ah, outra coisa... você sabe que a internet facilita muitas coisas difíceis, mas dificulta muitas coisas simples. Por isso, acho que deveríamos fazer isso pessoalmente. Sim, você não leu errado, mas calma! Antes de você surtar, saiba que não estou te obrigando a nada. Mas seria legal se você topasse... e aí, o que me diz?

Jade

PS: independente do que você disser, eu vou fazer isso, então não pense que negar o meu pedido de ajuda vai fazer com que eu desista.

Capítulo II

- Alô?

- Jade, você PIROU DE VEZ?

- Do que você está falando?

- Não se faça de desentendida.

- Ah, você está falando da carta? Pois bem, o que me diz?

- É oficial, você ficou doida. Não tem NADA para dizer. É bem óbvio que isso não vai dar certo! Se meter com o Valter, entrar em um site secreto e se encontrar pessoalmente, o que é completamente CONTRA as leis não é muito a minha praia.

- Ah, pode parar com esse tom irônico! Você sabe muito bem que odeio isso. E para de gritar, por favor.

- Parar de gritar? Não, não vou parar porque você está ficando maluca!

- Lucas...

- Isso nunca vai dar certo, ninguém nunca tentou nada assim antes!

- Exatamente por isso que eu...

- E não é agora que isso vai acontecer!

- Lucas! Me escuta, por favor? Olha, sei que é loucura, mas eu cansei. E sei muito bem que você também cansou. É perigoso, mas se ninguém fizer, nunca saberemos se vai mudar algo ou não. E também não seria só pela pesquisa, eu... eu poderia te ver pessoalmente, te conhecer. Mas tudo bem, se você não quiser vir comigo, um apoio moral já seria ótimo.

- Desculpa gritar com você. Não tinha parado para pensar na possibilidade de nos vermos... olha, eu não estou confirmando nada, mas SE a gente se encontrasse para começar esse plano, onde seria?

- Eu sabia, sabia que você iria aceitar!

- Ei, é uma suposição, não se iluda.

- Uhum, sei. Vou dar uma olhada no Google sobre alguns lugares aqui na cidade e vou encontrar o local perfeito, pode confiar em mim!

- E o Valter?

- Estava pensando em fazer uma vídeo-chamada com ele amanhã. Você quer participar?

- Está bem, me convenceu! Mas o Valter não vai se convencer tão fácil assim, não!

- Relaxa, vou usar minhas habilidades especiais! Ei, acho que ouvi a porta, deve ser minha mãe. Nos falamos amanhã?

- Conte comigo.

Tenho que admitir que estou nervosa. Não só por estar fazendo algo ilegal, mas também por poder vê-lo, pessoalmente. Será que ele gostaria da minha voz? Será que me acharia muito baixinha? Ele vai gostar dos meus longos e castanhos cabelos cacheados? E os meus olhos azuis, seriam bonitos pessoalmente? Será que ele continuaria a gostar de mim? Mesmo com todos esses pensamentos martelando na minha cabeça, também não parava de sentir borboletas no estômago ao pensar se ele estaria pensando a mesma coisa. Estou curiosa para ver aquele lindo cabelo cor de mel, levemente bagunçado, com aqueles olhos esverdeados. Estava tão imersa nos meus pensamentos que nem ouvi a campainha.

- Jade! Eu estou a cinco minutos tocando essa campainha! Onde você estava?!

- Desculpa, mãe! Eu estava distraída. Como foi o trabalho?

- Cansativo, como sempre. Estava muito cheio hoje, mais do que ontem! Isso parece que não vai acabar nunca...

- Você teve notícias de papai? Não converso com ele tem alguns dias.

- Ele está bem. Me pediu para te dizer que ele te ama muito e que não pode esperar para voltar para casa e ficar com a gente. Sinto tanta falta dele...

- É, eu sei... eu também. Mas ele vai voltar, eu sei que vai! Por mais que seja difícil de ele sair de lá, ele consegue. Sei disso.

Minha mãe deu um sorriso e foi tomar banho, como sempre fazia quando chegava em casa. Falar do meu pai era sempre um assunto complicado. Ele saiu do país para tentar produzir uma cura para esse vírus, mas como a situação piorou e pegar um avião aumenta os riscos de ele contrair a doença, ele ficou preso na Inglaterra e continua estudando para achar uma cura, junto a pessoas do mundo todo. Sinto muita falta dele.

Fui arrumar meu quarto e dormir. Dei boa noite para minha mãe, desliguei todas as luzes e fiquei olhando para o teto, que estava iluminado pela luz da lua cheia que brilhava lá fora. Não parava de pensar no que meu pai iria dizer se soubesse de tudo isso que estou fazendo. Acho que me acharia louca, mas ficaria orgulhoso. Até porque, esse espírito de “aventureira” e curiosa eu puxei dele.

Capítulo III

Acordei mais animada do que nunca. Iria colocar o plano em ação! Consegui o contato do Valter e faria uma ligação de vídeo com ele depois das aulas. Estava nervosa, sabe-se lá como ele iria reagir. Pelo menos não vou estar sozinha. Depois de arrumar a cama, fui até a sala para tomar meu café. O dia estava lindo, lindo como não via há meses. A luz do sol, bem alaranjada, entrava pela janela da sala e o vento levantava as finas cortinas brancas. Uma brisa fresca rodava pela casa inteira e não havia uma nuvem sequer no céu. Com certeza, o dia prometia.

As aulas levaram um século! Eu simplesmente não conseguia focar em nada, minha cabeça estava em outro lugar. Quando finalmente acabou, enviei uma mensagem para Lucas, dizendo que era para ele entrar no link da ligação. Depois, rolei toda a minha lista de contatos até a letra “V”. Chegou a hora.

- Alô?

- Oi, Valter! É a Jade.

- Jade? O que você quer?

- Olha, sei que nós não conversamos muito, mas preciso da sua ajuda. Confie em mim. Vou explicar tudo direitinho. Clique no link que vou te enviar.

- Humph. Tá.

Desliguei o telefone com o coração a mil. Mas já era tarde demais para desistir. Entrei no link e comecei a reunião.

- Oi, gente!

- Oi, Jade! E aí, Valter?

- Oi.

- Bom, vou tentar resumir tudo para não tomarmos todo o seu tempo, Valter. Eu e Lucas queremos mudar essa realidade. Todos queremos. Vamos atrás de informações sobre os anos passados e ir bem a fundo mesmo.

- Mas, como todos nós sabemos, nada referente ao passado pode ser pesquisado na internet. Então queríamos saber se você poderia nos ajudar com algum link ou site ilegal, onde possamos acessar todas essas informações sem sermos pegos – completou Lucas.

- Vocês dois sabem que estão se metendo em uma furada, né? Se vocês querem mesmo entrar nesse mundo, saibam que o buraco é bem mais embaixo.

- Eu e Lucas estamos cientes, Valter. Queremos fazer isso.

- Não. Não vale a pena, digo por experiência própria.

Nesse momento, eu comecei a espumar de raiva. Via pelo olhar preocupado de Lucas que ele me dizia “calma”, mas eu simplesmente ignorei.

- Valter, me escuta. Eu cansei de procurar respostas e ser deixada na mão. Cansei de ficar com milhões de perguntas sem respostas na cabeça e sei bem que você concorda comigo. Quem está entrando nessa confusão sou eu e Lucas. Seu nome nem está aí no meio. A única coisa que estou pedindo é um site ou um link, com a senha. Depois disso, vou fingir que nada aconteceu e você vai voltar para a sua vida de sempre. Nada, absolutamente nada do que você disser, vai mudar o que eu penso. Não quer aceitar, então tudo bem. Vou pelo caminho mais arriscado.

- JADE! Que- quer dizer, Jade, se controle. Valter, tudo bem, cara. Não precisa se meter se você não quiser. – Disse Lucas, encarando até a minha alma.

- Tudo bem. Eu ajudo. Mas se vocês dois forem presos, eu não tenho nada a ver com isso – argumentou Valter.

Eu e Lucas suspiramos. Valter escreveu o link pelo chat, dizendo para copiarmos e colarmos na aba anônima pois ele sumiria do chat da ligação em 10 segundos, por segurança. Depois, ele nos explicou como fazíamos para acessar o site, que estava camuflado em uma página falsa de supermercado. A senha era longa, com muitas letras e números. Depois de todos esses passos, conseguimos acessar o site. Salvei tudo na minha aba anônima e agradei ao Valter. Ele balançou a cabeça e sorriu. Sim, ele SORRIU! Eu sou realmente uma gênia! Brincadeira.

Depois que o Valter saiu da reunião, fiquei com o Lucas na ligação e conversamos por horas. Rimos muito do sorriso do Valter e da maneira que eu explodi quando ele se negou a nos ajudar. Era tão fácil conversar com o Lucas, o tempo voava. Isso também me fez pensar se tudo mudaria quando nos víssemos pela primeira vez...

- Ei, está tudo bem? Você parece meio... pensativa.

- Ah, tudo sim! Só estou com saudades do meu pai.

- Entendi. Você não anda falando muito com ele ultimamente, né?

- Não..., mas ele está bem, pelo que minha mãe disse. Está trabalhando bastante.

- Então se ele está bem, não temos que nos preocupar! Agora coloque um sorrisinho nesse rosto, senhorita! Você acabou de fazer o impossível!

- Fazer esse plano dar certo?

- Não, fazer o Valter sorrir!

Soltei uma gargalhada e sorri para ele. Não tinha ninguém nesse mundo que me conhecia melhor que ele.

- Ei, falando do plano, eu já sei o local e como vamos nos encontrar! Nossas mães são enfermeiras, certo? – Eu perguntei.

- Sim...

- Então, as enfermeiras sempre saem de casa em turnos, para que não haja aglomeração nas ruas, ainda mais de profissionais da saúde, que convivem com as pessoas doentes. Nossas mães saem no mesmo turno, os da 7h30. E se nós pegássemos um uniforme delas, cobríssemos o rosto e saíssemos para a rua junto com o turno das

8h00? Desse jeito, iríamos nos misturar com as outras pessoas e aí é só desviar do caminho!

- Até que é inteligente..., mas onde nos encontraríamos?

- Então, existe uma quadra de esportes abandonada que fica no caminho para o hospital! Ninguém vai lá, óbvio, e não existe nenhuma câmera. Achei esse lugar em uma foto antiga de minha mãe, ela sempre ia para lá com os amigos. Poderíamos nos encontrar lá na sexta-feira, daqui há três dias. Normalmente é o dia mais tranquilo na rua. E aí, o que me diz?

- Bom, acho que temos um local!

Ele soltou um sorrisinho e bagunçou o cabelo. Eu retribuí com um risinho. Ficamos nos encarando por algum tempo e o silêncio reinava. Mas, pela primeira vez, era um silêncio leve e nada constrangedor. Era como se estivéssemos mergulhando juntos dentro dos nossos próprios pensamentos. Já tínhamos o local, a hora, a data e tudo preparado. Iria levar o meu computador para que a gente pudesse acessar o site juntos e começar a pesquisar. De repente, a realidade bateu na minha porta. Era oficial, iríamos mudar a nossa geração. E, é claro, nos ver pessoalmente...

Capítulo IV

Os dias demoraram meses. Estava cada vez mais ansiosa. Fiquei tão estranha que até minha mãe percebeu, o que não é bom. Ela perguntou várias vezes se eu estava bem, se eu queria conversar... minha resposta era sempre a mesma, que estava com saudade de papai. O que não era mentira, mas com certeza não era o maior motivo das minhas preocupações no momento. Essa desculpa pelo menos funcionou.

Estava estudando, como sempre, quando escuto meu celular tocar. Era Elisa, minha melhor amiga. Havia tempo que nós não conversávamos. Ela sempre foi muito popular, conseguindo fazer amigos muito facilmente. Digamos que todas as meninas queriam ser ela e que todos os meninos sonhavam com ela. Pois é, aqueles longos e ondulados cabelos ruivos e as sardinhas chamavam muita a atenção, mesmo por uma câmera de computador. Somos amigas desde pequenas, nossas mães são melhores amigas até hoje. A primeira vez que a vi, foi pessoalmente. Ela foi a primeira e única amiga que eu tive a oportunidade de abraçar e isso nos conectou de uma maneira muito boa. Posso até ser a invisível da escola, mas ela não me vê assim.

- E aí, Jade, quanto tempo!

- Elisa, parece que já se passou uma eternidade desde que nos falamos pela última vez! Como você está?

- Estou bem! Fui para uma festa ontem, a galera toda estava lá! Você deveria ter ido.

- Acho que você é a pessoa que mais vai a online-festas, sem brincadeira! Além do mais, você acha mesmo que eu iria participar de uma festa cheia de gente popular que não sabe nem quem eu sou? Ia ser um horror!

- Claro que eles sabem quem você é! Eles só não te conhecem direito... – disfarçou Elisa.

- Uhum, sei bem.

- Então, mudando completamente de assunto, eu estava conversando com as meninas e tivemos uma ideia brilhante! Eu acho que vocês devem se conhecer melhor! Quero exibir minha melhor amiga, ué!

- Não gosto desse seu tom...

- Não tem tom nenhum não, doida! Só acho que uma ligação em grupo seria legal... elas vão amar você! O que você acha de sexta-feira?

- Sexta? Ah, é que... e-eu tenho planos!

- Você tem planos? – Ela disse em tom irônico.

- Sim, tenho! Vou fazer uma ligação com alguns parentes e terminar uns trabalhos. Não posso adiar isso.

- Ok, dessa vez eu deixo passar. O que você acha de sábado?

- Sábado é uma boa!

- Fechado então! *Ciao, girlfriend!*

- *Ciao!* – Eu disse soltando um risinho.

Bom, digamos que agora eu estou preocupada com duas coisas... as amigas dela não vão muito com a minha cara. Mas conheço a Elisa e quando ela cisma com algo, ela faz de tudo para que aquilo aconteça. Melhor acabar com isso logo.

Finalmente, chegou o dia. Eu estava tão nervosa que mal consegui dormir à noite. Minha cabeça girava, mil borboletas voavam na minha barriga, era estranho. Quando acordei, estava tão disposta que minha mãe até se assustou. Para uma pessoa que sempre acorda parecendo um zumbi de tanto sono, toda aquela disposição era realmente peculiar.

- Bom dia..., que disposição, hein?

- Pois é, mãe! Sexta-feira é sempre bom! – Disfarcei.

Minha mãe se arrumou, vestiu seu uniforme que tinha sido lavado recentemente, deixando o ambiente com um cheiro perfumado. Depois se despediu de mim e saiu pela porta. Chegou a hora da ação. Eu tinha uma hora para me arrumar, sair de casa e me misturar ao grupo das 8h. Corri para o banho, sequei o meu cabelo, passei uma maquiagem (até porque, quero estar no mínimo apresentável...) e fui procurar um uniforme de minha mãe.

Quando terminei tudo, já eram 8h em ponto. Desci pelo elevador e fui até o térreo do prédio. Minha barriga doía de tanto nervosismo. Nunca tinha saído daquele elevador na vida. Fui andando bem cautelosa em direção à rua. Havia muitos enfermeiros a caminho do trabalho, o que facilitou o meu disfarce. Por um momento, esqueci que estava fazendo algo ilegal, esqueci do nervosismo e me deixei levar. Sentia o vento da manhã soprando o meu rosto, as folhas das árvores balançavam levemente e aquele sol fraco e quentinho de início de dia iluminava tudo em nossa volta, uma luz alaranjada e revigorante. Era um sonho.

Quando me dei conta, já estava passando pela quadra esportiva abandonada, nosso ponto de encontro! Ela estava realmente abandonada, cheia de árvores em volta que faziam uma grande sombra, onde a luz do sol passava pelos mínimos espaços entre as folhas. Era longe de qualquer prédio residencial e ficava muito bem camuflada na cidade. Era, realmente, o lugar perfeito!

Conforme fui me aproximando, fui ficando cada vez mais trêmula. Minhas mãos frias estavam inquietas, conseguia ouvir meu coração batendo, acelerado, dentro da minha cabeça, minha respiração estava acelerada e a máscara não me deixava puxar o ar. Será que ele já estava lá? Se estivesse, como eu iria reagir?

Andei até um certo ponto onde as árvores cobriam parcialmente o céu. Ele ainda não havia chegado, o que era bom, mas agonizante ao mesmo tempo. Fiquei admirando os pássaros, as ruas, os carros, as calçadas, a vida, em geral. Era uma perspectiva completamente nova. Até que nossos olhos se encontraram. Era ele.

Capítulo V

Eu imediatamente comecei a sentir um calor interno e lágrimas brotavam dos meus olhos. Todos aqueles pensamentos e preocupações simplesmente desapareceram. Minha cabeça estava em paz.

Eu tirei a minha máscara, ele fez o mesmo. Ele abriu um sorriso largo e suas covinhas apareceram. Nada mais importava. Eu saí correndo, que nem uma desesperada, e fui em direção aos seus braços. Quando nos abraçamos, ele me levantou e me girou, em um abraço caloroso e apertado. Tudo parecia surreal, como um filme de Hollywood. Aqueles cabelos cor de mel na luz do sol me faziam acreditar que ele era de um planeta distante, de tão lindo.

- Eu não acredito que é você mesmo! - Eu disse, ainda em seus braços.

- Eu que não acredito que você é tão baixinha assim! – Ele disse com um sorrisinho.

- Ei, 1,63 não é baixo! Você que é alto demais.

Rimos por um instante, ainda abraçados. O vento bagunçando os nossos cabelos e a copa das árvores. Era como se o tempo tivesse parado. Ficamos alguns segundos (que pareceram horas) olhando fixamente um para o outro. Estar ali, olhando para ele enquanto estava em seus braços me deu uma sensação super estranha na barriga. As borboletas tinham voltado. Conversamos por algum tempo, rindo dos nossos pensamentos de como seria esse primeiro momento. Tenho que admitir que tudo aconteceu muito diferente do que eu imaginava. A conversa não ficou estranha e meio hesitante, pelo contrário, ela fluiu leve como uma seda. Sentia que, em algumas pausas entre um assunto e outro, ele olhava discretamente para mim... seria coisa da minha cabeça?

- Bom, acho que chegou a hora de colocar esse plano em ação! – Eu disse durante uma dessas pausas.

- Mão na massa! Trouxe o seu computador?

- Claro que sim. – Respondi em um tom de superioridade.

- Tudo bem então, senhorita. Faça as honras. – Ele comentou, imitando o tom de um cavalheiro.

Abri o meu computador e entrei no site, seguindo todas as instruções que Valter tinha nos dado. Enquanto eu escrevia e clicava nos símbolos e códigos, eu conseguia ver, de canto de olho, ele olhando para mim, com um olhar sincero e calmo. Tenho que admitir que não achava aquilo tão ruim, só era uma sensação diferente...

- Pronto, consegui abrir o site. Preparado?

- Esse é o meu nome do meio.

Quando entramos no site, vimos muitas coisas diferentes. Coisas para vender (ilegais, claro), números que pareciam ser de telefones, fotos, vídeos, comentários, era

uma chuva de novas informações. Depois de procurar um pouco, encontramos a aba de pesquisa.

- Está com a lista?

- Está bem aqui. Anotei todos os tópicos que combinamos de pesquisar. – Ele respondeu em um tom preocupado.

Fizemos vários tópicos para guiar nossas pesquisas. Quando a pandemia havia começado, os estudos e notícias da época, algum blog ou vídeo de uma pessoa que viveu nos últimos anos, qualquer coisa que pudesse nos abrir portas. Depois de duas horas procurando e pesquisando, Lucas trouxe algo importante à nossa atenção:

- Ei, o que é aquilo no canto da página?

- Parece um... endereço. – Eu disse pensativa.

- Tem algo escrito logo abaixo desse suposto ‘endereço’, olha.

O texto dizia: “esse é o local onde o governo guarda todas as informações e relatos dos anos passados, em uma sala, na biblioteca do centro da cidade.

- Nós precisamos ir até lá! Se quisermos encontrar algo, a biblioteca nos dará as primeiras pistas. – Argumentou Lucas de uma maneira confiante.

- Mas como vamos entrar? Essa sala com certeza não tem fácil acesso e existem câmeras em todos os lugares...

- Podemos ir vestidos assim, de doutores. Entramos na biblioteca, fingimos ir até a sessão de livros científicos e depois procuramos a sala. Só temos que descobrir como distrair a moça da biblioteca e desviar das câmeras. – Disse Lucas.

- Ei, eu tive uma ideia! Podemos pedir para o Valter invadir o sistema de câmeras da biblioteca e desligá-las, com um cronômetro ou algo do gênero. E para a distração, é uma ideia um pouco mais arriscada, mas pode dar certo...

- Já quebramos trezentas leis e estamos aqui, pessoalmente, na rua, sem máscaras, em um site ilegal. Qualquer ideia é válida agora. – Argumentou Lucas, com razão.

- Bom, sabe a Elisa? Ela é ótima para convencer as pessoas e atraí-las com o seu poder de persuasão. Acredite, ela consegue ser uma ótima atriz quando necessário. Ela pode se passar por uma jornalista e fazer uma entrevista com a bibliotecária! Quase ninguém trabalha na biblioteca mesmo. – Eu disse, tentando ser o mais convincente possível.

- E você acha que ela vai aceitar? E, principalmente, guardar segredo?

- Lucas, pode ter certeza de que ela vai colaborar.

Ele acabou concordando, ainda um pouco hesitante, mas senti que ele confiava em mim. Fechamos o site e aproveitamos aquele último momento juntos. Eu apoiei minha cabeça em seu ombro, sentindo o cheiro de seu perfume. Ele encostou a sua cabeça na minha, passando o braço pelas minhas costas. Eu só queria que o tempo parasse. Esse momento foi interrompido pelo alarme dos nossos celulares, avisando o

horário para voltarmos para casa, antes de nossas mães chegarem. Me despedi dele, dizendo uma frase que me trouxe uma sensação incrível:

- Até amanhã.

Capítulo VI

Uma semana se passou. Para ser sincera, uma semana pareceu um dia. Eu e Lucas nos encontramos todos os dias na quadra abandonada. Sempre pesquisávamos informações para o nosso plano, montávamos táticas e, claro, conversávamos e passávamos um tempo juntos. Conversar com ele era tão fácil que horas se passavam e ainda tínhamos muitas coisas para conversar. Da mesma maneira que o ar ficava cheio de palavras e histórias, ele também ficava silencioso. Bom, silencioso por falta de palavras, mas ensurdecedor em relação aos sentimentos. Era um silêncio bom.

Acordar toda manhã, sentir o calor do sol em minha pele, entrando pela janela da sala, tomando o meu cereal com leite gelado e correr para encontrá-lo é a melhor parte do meu dia. Todos os medos e inseguranças que eu tinha com relação a esse plano sumiram quando encontrei seus olhos nos meus. Até minha mãe, que não passa tanto tempo em casa, percebeu que eu estava mais feliz e animada. Pelo menos ela não fez nenhum interrogatório... ainda.

A semana passou tão rápido que, quando chegou sábado, eu havia esquecido completamente da ligação com a Elisa e suas amigas. Honestamente, não queria participar dessa ligação. As amigas de Elisa não têm nada a ver comigo e, digamos que... bom, nem sabem ou ligam para a minha existência. Só aceitei fazer isso tudo por causa da minha melhor amiga. Tá bom, tá bom... também estou sendo meio estratégica. Comigo indo para essa ligação, da qual ela sabe que não gostaria de estar participando, ela se sentirá na obrigação de fazer um favorzinho para mim também, não? Ok, isso é um pensamento terrível, mas o que custa arriscar?!

- *Hey friendieeee!*

- Oi, e aí? – Respondi meio desanimada, mas forçando uma animação.

- Estou ansiosa! Esperei por essa ligação por meses! As meninas já devem estar entrando.

- Não sei se a Vanessa e a Natália vão muito coma minha cara, Lisa...

- Jade, relaxa! – Ela disse tentando me acalmar- Você não pode já começar surtando assim! Tenho certeza de que no final dessa ligação, vocês já vão ser melhores amigas!

- Ah, claro...

Antes da Lisa me dar um sermão, as meninas entraram na ligação. A única coisa que recebi foi um olhar de reprovação dela. Já estava acostumada. No primeiro momento, as meninas entraram e já foram bater papo com a Elisa. Eu fiquei aí, esperando ser incluída na conversa. Se bem que não queria estar lá mesmo... continuem meninas, estou ótima aqui! Depois de uns cinco minutos, elas, finalmente, notaram a minha presença.

- Ah, oi Elisa! – Disse Natália, tentando ser simpática.

- Oi! Como você está? A Elisa fala muito de você! – Disse Vanessa, bem sorridente. Ela realmente parecia ser mais simpática do que a Natália.

- A Lisa também me fala muito de vocês. Ela está tentando fazer essa chamada acontecer tem tempo já. – Respondi com um sorriso amarelo.

- Lisa? É assim que você a chama? – Interrompeu Natália, com tom debochado.

- Ah, Nathi! Qual o problema com isso? Eu gosto desse apelido. – Respondeu Elisa.

- Achei estranho, parece que você é só uma menininha de oito anos com esse apelido. – Retrucou Natália, com uma risada desnecessária.

Desviei o meu olhar para o chão, esperando alguém falar alguma coisa. Quando levantei a cabeça, pude perceber o quanto Lisa estava envergonhada. Seus instintos realmente não previram isso.

- Então, Jade! Me conta, o que você gosta de fazer? – Perguntou Vanessa, tentando quebrar um pouco do gelo.

- Ah, eu adoro ler, escrever, pintar e-

- Você por acaso tem uma vida? – Cortou Jade, com uma voz intimidadora.

- Nathi, deu. – Disse Elisa, com um tom firme.

- Ah, já sei! Quem é o menino mais bonito da sala para você? – Disse Natália, ignorando completamente a repreensão de Elisa.

- Eu...

- Natália! – Gritou Vanessa.

- Ah, claro, você não acha ninguém bonito, né? Até porque, nenhum deles sabe da sua existência e, se soubessem, não iriam querer ficar com você de qualquer jeito.

- Chega! – Gritou Elisa.

- Você nunca vai ser uma menina normal. Você é uma estranha, todo mundo quer distância de você. Eu tenho pena de você, de verdade. – Disse Natália, com um falso tom de dó.

Nesse momento, senti meus olhos encherem de lágrimas. Um tsunami de palavras explodia dentro de mim. Minha vontade era de gritar tudo o que sentia, me defender. Mas não fiz nada. Minha visão ficou embaçada com as lágrimas. Enquanto ela falava, segurar o meu choro. Acho que a única coisa mais dolorosa do que chorar é ter que segurar tudo isso dentro de você. Simplesmente cliquei o botão de sair da ligação. Nunca cliquei em algo com tanta força. Não conseguia pensar em mais nada. Peguei meu celular e enviei uma mensagem para a única pessoa que queria ver naquele momento.



SOS. Me encontre
no point. -Jade

Só vi ele chegar, correndo, com os cabelos bagunçados e olhos espantados. Acho que ele devia estar dormindo... não o culpo, já eram 23h. Ele correu em direção a quadra e veio direto até mim, me segurando pelos braços.

- O que houve, você está bem? – Disse ele, preocupado, me analisando de cima a baixo para ver se estava machucada ou algo do gênero.

- Eu... eu...

Por mais que tivesse sentido uma vontade tremenda de chorar, eu não tinha o feito ainda. Mas quando o vi e senti o seu olhar de preocupação, eu desabei. Não conseguia falar pois o choro tomava a minha voz, me afogando em toda a angústia que estava sentindo. O vento frio da noite silenciosa, conseguindo ouvir somente os gritos da mata e das árvores, tudo intensificou aquela emoção. Lucas me puxou rapidamente para seu peito, me dando um forte abraço, tentando segurar a minha dor e sua mão passava levemente pelo meu cabelo. Minhas pernas foram ficando cada vez mais fracas, até que senti nós dois sentando no chão da quadra. Ele continuou me abraçando e acariciando a minha cabeça, tudo seguido de beijos na testa. Aos poucos, eu fui me acalmando e conseguir ouvir ele sussurrando no meu ouvido: “Vai ficar tudo bem”.

Ele olhou para mim, com o olhar preocupado e esperançoso. Sentia que ele estava triste por mim. Ficamos um tempo abraçados. Estava deitada em seu peito, os dois de barriga para cima, olhando as poucas estrelas que apareciam em meio a copa das árvores. Ele brincava com o meu cabelo e sempre olhava para baixo para checar se eu estava bem. Depois de algum tempo de silêncio, começamos a conversar sobre diversos assuntos, qualquer coisa que me distraísse. Ironicamente, a conversa foi levada até o motivo pelo qual estávamos ali. Quanto expliquei tudo a ele, Lucas estava completamente incomodado e desacreditado e, estranhamente... bravo.

- Eu não consigo acreditar nisso! – Lucas disse, com muita raiva em sua voz.

- Lucas! Alguém vai ouvir os seus gritos, já passou de meia-noite! Mas... tenho que admitir que já esperava por isso. Só não imaginei que tomaria um rumo tão dramático quanto esse. Acho que eu não ter tido minha festa de quinze anos foi algo bom, no fim das contas...

- Quê? Como assim? – Perguntou Lucas, um pouco mais calmo.

- Desde que eu tinha oito anos, eu sonhava com uma festa de quinze anos. Na minha cabeça, isso tudo teria acabado até lá. Queria que minhas amigas fossem as daminhas, uma festa gigante, dois vestidos, sendo um para receber os convidados e outro para descer as escadas e dançar a valsa...

Lucas me ouvia com um brilho no olhar. Conseguia perceber que, ao mesmo tempo que ele estava achando aquilo uma surpresa, já que nunca tinha contado isso a ele antes, senti que ele também estava com pena, desapontado.

- Já tinha até as valsas que iriam tocar na minha cabeça! Uma para dançar com meu pai, padrinho e tios e uma para... para dançar com o meu príncipe. Bobo, eu sei. – Disse essa última parte, com uma risada envergonhada.

- Não é besteira. – Discordou Lucas, parecendo sério, mas com um sorriso singelo.

- Bom, fiquei arrasada ano passado quando percebi que não conseguiria fazer a festa. Mas depois do acontecimento de hoje, acho que foi o melhor mesmo. Ninguém iria à festa e, se alguém fosse, seria para me zoar ou algo do gênero.

- Jade, presta atenção – Ele disse, sentando no chão e me puxando com a sua mão- Você é inteligente, esperta, insistente, mas de um jeito bom. Você é carinhosa, gentil, forte, corajosa e... linda. É a melhor pessoa que eu conheço. Não deixe que pessoas como a Natália, que não são nem 1/5 da pessoa incrível que você é, te deixarem para baixo.

Quando ele disse tudo isso, meu estômago embrulhou. Milhões de borboletas apareceram por todo o meu corpo. Senti calor e frio ao mesmo tempo e todos os meus ossos pareciam fracos. Aquelas palavras, a pessoa sensível e incrível que ele é, aquele sorrisinho, aqueles olhos, o cabelo bagunçado, as covinhas... elas tiravam o melhor de mim, sempre.

- Então - disse suavemente, levando minha mão ao seu cabelo-, quem seria o meu príncipe?

- Você tem alguma ideia? – Ele disse, com um olhar desconfiado.

Olhei no fundo de seus olhos, afastei o cabelo de seus olhos e senti sua mão tocar a minha. Ele segurou o meu rosto com a outra mão, aproximou meu rosto levemente e seus lábios tocaram nos meus. Um calor subiu dentro de mim. Eu simplesmente não consigo descrever o que eu sentia. O tempo havia parado. Ele afastou levemente a sua cabeça da minha, com um sorrisinho. Eu retribuí o sorriso e o beijei novamente. Tudo ficou mais intenso, mais vivo e... completo. Poderia ficar ali para sempre...

Capítulo VII

Acordei sentindo um carinho em meu rosto. Fui acordando levemente, abrindo os meus olhos aos poucos. Quando o vi olhando para mim, com aquele olhar terno e preocupado, lembrei de tudo o que tinha acontecido antes de eu dormir em seus braços. Era quase manhã e os fracos e poucos raios solares iluminavam nossos rostos.

- Ei, bela adormecida!
- Bom dia! – Eu respondi em meio a um bocejo.
- Eu acho melhor irmos andando, antes de nos descobrirem.

Concordei com a cabeça. Fui levantando devagar com muito sono. Ele me deu o seu braço para eu me apoiar e fomos andando. Queríamos evitar qualquer tipo de câmera ou pessoa, então fomos por um caminho mais longo, porém mais escondido. Fomos andando até perto do meu prédio.

- Você não precisava ter me trazido até aqui, sua casa é na direção contrária... – Eu disse, envergonhada.

- Claro que eu precisava! Nem cogitei a ideia de te deixar ir sozinha. – Disse Lucas, com uma voz macia e aquele sorriso característico dele.

Eu estava usando o seu casaco, pois a noite anterior estava muito fria e, no impulso de sair de casa, nem tinha pegado um casaco. Eu ia devolvendo quando ele me parou.

- Não, não, não. É seu.
- Como assim? Não, é o seu casaco, preciso devolver.
- Não. Não precisa. – Ele disse com um tom brincalhão.

Ele olhou para mim, bem no fundo dos meus olhos. Foi se aproximando devagar, tirou o meu cabelo do olho e me beijou novamente. Quando cheguei em casa, eu estava completamente eufórica! Eu só queria gritar, pular chorar, cantar, dançar... literalmente qualquer coisa! Mas, claro que não podia, já que minha mãe estava dormindo e não tinha a mínima ideia de que eu havia fugido noite passada. Fui andando lentamente até o meu quarto e deitei na cama, com os meus braços abraçando meu próprio corpo, que estava vestido com o casaco *dele*. É meio clichê, eu sei, mas do que seria o mundo sem os filmes e séries clichês? Era assim que eu me sentia, em um filme romântico da *Netflix*!

Acordei às 11h50 da manhã. Me levantei e fui até o meu banheiro para jogar uma água fresca e revigorante no rosto. Quando estava quase saindo do quarto, me lembrei de que estava vestida com o casaco de Lucas. Minha mãe não poderia vê-lo! Fui até o meu guarda-roupa e o escondi lá no fundo, embaixo de todas as roupas que eu tinha. Aproveitei e troquei de roupa, uma coisa que nunca fazia aos domingos.

Quando cheguei na sala, minha mãe estava vendo as notícias no jornal que, surpreendentemente, estavam leves. Não era sempre que as notícias do jornal eram leves e mais descontraídas.

- Bom dia, senhorita! – Disse ela, com o tom exagerado.

- Booom dia, mãe! – Eu respondi, animada.

- Você está diferente... o que andou fazendo?

- Diferente como?

- Ah, não sei...você parece estar com um brilho nos olhos, um rosto leve...

- Pelo menos é um diferente bom, não? – Eu respondi em tom brincalhão- Mas também me sinto leve. Foi uma noite ótima!

Ela sorriu e me convidou para sentar no sofá junto a ela.

- Ahhh, lembrei de uma coisa! Hoje de manhã, vi seu celular na cozinha. Está bem ali. – Disse minha mãe, me dando um susto.

Ontem na correria, fui pegar a chave de casa na cozinha e simplesmente o larguei por lá. Pelo menos ela não decidiu fazer nenhum tipo de interrogatório. Estávamos as duas de ótimo humor naquela manhã! Quando peguei o meu celular em cima da bancada preta da cozinha, vi trezentas notificações. Todas de Elisa. Não tive tempo nem de desbloquear a tela do celular antes de Elisa me ligar após várias tentativas.

- Alô?

- JADE! Mil desculpas, a Natália é uma idiota, você não é nada disso que ela disse! Você é muito melhor do que isso, melhor do que ela! – Gritou Elisa, falando extremamente rápido para que ela conseguisse dizer tudo o que queria dizer.

- Elisa, respira, você vai ficar sem ar desse jeito! Eu estou bem agora. É melhor esquecer que isso aconteceu.

- *Friendie*, não tem como esquecer.

- Claro que tem. Até porque eu tenho uma coisa muito mais interessante do que isso para falar com você...

- Fala agoraaa! – Ela disse, animada.

Eu expliquei todo o plano para ela e, como eu já esperava, ela aceitou na hora. O que ela puder fazer para sair de casa é um 'sim' certo. 'Lisa' também disse que estava surpresa que Lucas participaria dessa loucura. Só de ouvir o nome dele eu sorri. O que estava acontecendo comigo?!

Combinamos de fazer esse plano na terça-feira, de manhã. A mãe de Elisa trabalha como repórter e sai bem cedo para o estúdio de televisão. Assim que ela concordou e marcamos um dia bom, liguei para Lucas.

- Oi, bela adormecida! Conseguiu dormir mais um pouco depois que chegou em casa? – Perguntou Lucas.

- Sim, senhor! – Respondi em tom de brincadeira. - Sabe quem conseguiu mais uma aliada para o nosso plano?

Capítulo VIII

O Domingo e a segunda-feira passaram muito rápido. Acho que minha cabeça estava tão focada no plano que todo o resto do dia passava batido. O momento que eu mais aguardava ansiosamente era me encontrar com o Lucas durante as manhãs. Fazíamos as aulas juntos, mas sem a câmera ligada, claro. Tenho que dizer que estudar com uma companhia torna tudo mais fácil! Principalmente quando a companhia é ele...

Na terça-feira, combinamos de nos encontrar após o almoço, depois de nossas mães saírem novamente para o trabalho. Assim, poderíamos conversar com calma e, no final da tarde, ir para a biblioteca. Dessa vez, nossa mais nova ajudante, Elisa, também se juntaria a nós na secreta e ilegal reunião que fazíamos. Porém, assim que ela chegou na quadra abandonada, estranhei de cara.

- Hi *friendie!* – Ela disse animada, juntando o som do ‘e’ com um gritinho, correndo em minha direção.

- Oiiii! Meu Deus, você está indo para uma biblioteca ser uma jornalista, não a apresentadora do Oscar! – Eu disse, completamente chocada.

Elisa estava usando um vestido, mais ou menos na altura do joelho ou um pouco mais abaixo, azul, cheio de brilho no corpete e rendas na saia, tudo isso junto de um lindo salto branco e um coque, muito bem arrumado.

- Ah, eu pensei que, para passar mais credibilidade, tinha que aparentar ser uma jornalista extremamente importante. – Disse ela, olhando para seu vestido.

- Bom, espero que você fique discreta o suficiente quando sairmos da biblioteca à noite. – Eu disse, um pouco irônica.

- Você já se vestiu chique assim? Dá uma sensação de poder!

- Eu? Claro que não! Até porque, nunca tive a necessidade de me vestir assim...

- Então, eu tenho uma surpresa para você! – Disse ‘Lisa’, soando misteriosa.

Ela foi até a sua bolsa e tirou uma caixa, embrulhada em papel amarelo, minha cor favorita. Tinha um laço dourado lindo em cima, e uma etiqueta, dizendo: “Presente de reencontro”!

- Ahh, ‘Lisa’! Não faz isso comigo... não comprei nada para você, vou ficar sem graça! Já estou, na verdade!

- Para com isso e abre logo! Melhor ainda, abra atrás daquela árvore e, quando você voltar, quero ver você usando o presente! – Disse ela, com um sorriso suspeito.

Eu simplesmente obedeci, sabia que não iria convencê-la do contrário. Quando eu abri a caixa, não pude acreditar! Fui logo tirando a roupa que eu estava e colocando aquele *vestido dos sonhos!* Quando me vesti, me senti uma princesa. Poderosa. Era um lindo vestido amarelo claro, com o corpete justo e com muitas pedrarias e, na saia, que era longa e rodada, com várias camadas de tule, tecido e seda, uma renda extremamente delicada, com pequenas flores delicadamente bordadas. Além de tudo, havia um salto lindo, branco com detalhes em dourado. Era simplesmente *maravilhoso*.

Saí de trás de árvore e já pude ver o sorriso estampado no rosto de ‘Lisa’. Ela correu até mim, com lágrimas nos olhos e a boca aberta, como se tivesse visto o Zac Efron!

- Amiga, uau. Eu sabia que você ficaria maravilhosa, mas isso... – Ela deu uma pausa, me analisando dos pés à cabeça - Não deveria nem estar na Terra! Você está uma *deusa*! Só falta um último detalhe... vira de costas!

Eu sorri e obedeci. Estava tão anestesiada pelo vestido que nem liguei para o que ela iria fazer. Ela foi pegando meu cabelo, fazendo uma espécie de trança com o coque, deixando alguns fios no meu rosto, para dar uma aparência mais natural. Conseguia perceber que ela não esticava e puxava meu cabelo (como minha mãe fazia quando eu pedia um rabo de cavalo!), mas estava deixando meio leve, caindo naturalmente. Quando me olhei na câmera do meu celular, quase não me reconheci. A pouca maquiagem que eu usava, com o vestido e aquele penteado, haviam me transformado em outra pessoa.

Dei alguns gritinhos e pulinhos e agradeci à Elisa. Com certeza ela me conhece mais do que eu mesma. Tudo estava leve, animado e eu estava completamente distraída, quando o vi entrando na quadra. Ele usava um *smoker*, uma gravata ajeitada, o cabelo, que normalmente era bagunçado (de um jeito fofo), muito bem ajeitado e penteado. O que estava acontecendo com essa gente?!

Quando ele me viu, ele parou e ficou completamente atônito. Fui chegando mais perto dele e consegui perceber as minhas bochechas queimando. Por que isso sempre acontecia?!

- Está bem vestido, hein, senhor? – Eu disse, em tom de brincadeira.

- Digo o mesmo da senhorita. – Disse Lucas, me olhando fixamente.

- Alguém pode me explicar o que está acontecendo? – Eu disse, após um momento de silêncio.

- Bom, pensamos que poderíamos estar todos arrumados, sendo eu a jornalista importante e vocês meus ajudantes. – Disse Elisa, enquanto abraçava Lucas.

- Vocês são inacreditáveis! – Respondi.

Fomos andando até a biblioteca, com máscaras que combinavam com nossos vestidos. Ainda bem que Lucas as havia trazido. Como nos nossos encontros nós nunca usávamos a máscara, tinha perdido completamente o costume. O sol já havia sumido, e só a sua luz permanecia no céu. Estava escurecendo aos poucos e os postes de luz das ruelas em que andávamos, começaram a ascender. Conforme íamos nos aproximando do centro da cidade, víamos mais iluminação, uma grama bem cortada, bancos de praça que, eu imagino, tenham sido usados pouquíssimas vezes. O prédio da prefeitura estava localizado à esquerda, exatamente na linha do centro da praça que havia a frente. A biblioteca ficava no lado oposto ao prédio da prefeitura. A biblioteca da cidade era uma construção antiga, com muitos detalhes arquitetônicos que lembram a Europa antiga. Existe uma escadaria até a porta da biblioteca, que tem algumas pilastras, sustentando todo o resto da estrutura. Ela tinha dois andares e algumas poucas janelas distribuídas

em suas laterais e sua fachada. Após subir as escadas, abrimos lentamente a antiga porta, que fez um grande rangido.

Capítulo IX

Assim que entramos, demos de cara com uma senhora sentada em uma grande escrivaninha de madeira. Me perguntei se era seguro ela estar trabalhando ali, já que ela se encontra no grupo de risco.

- Boa noite, senhora! Prazer, sou Elizabete e trabalho para o canal 9! – Disse Elisa.

- Oh, que prazer recebê-los! – Disse a senhorinha, nitidamente surpresa.

- Esses daqui são os meus ajudantes, Roberta e Caio! – Eu e Lucas acenamos, segurando o riso com os nomes que Elisa havia inventado - A senhora se importaria em responder algumas perguntinhas?

- Claro que não me importaria! Entrem, fiquem à vontade! – Disse a senhorinha, sendo muito simpática. Parecia que ela não havia tido muitas visitas nos últimos dias...

- Ótimo! Os meus ajudantes vão entrar para tirar umas fotos enquanto eu converso com você e filmo com essa câmera! Bom, primeiramente, qual é o nome da senhora?

- Miriam.

- Bem, Miriam... - Elisa nos lançou um olhar, dando o sinal para iniciarmos nosso plano.

Eu e Lucas fomos andando entre as estantes e encontramos o escritório. Abrimos a porta bem devagar e nos deparamos com uma sala que mostrava os monitores das câmeras de segurança e *chaves*. Era como ganhar na loteria. Lancei um olhar para Lucas, sinalizando para que ele fosse desligar as câmeras. Eu fui até as chaves e li nome por nome, até achar a sala que procurávamos.

- Lucas – sussurrei- qual era o número da sala mesmo?

- Era B-12 – Ele respondeu, no mesmo tom de voz que eu.

Eram tantas chaves juntas que eu fiquei receosa em acabar deixando passar a chave certa, por isso, fui bem devagar, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Estava concentrada, até que ouço Lucas sussurrar: “Consegui! As câmeras estão desativadas!” Sorri, animada. Estava tudo sob controle, pelo menos por enquanto.

- Precisa de ajuda com as chaves, Roberta? – Disse ele, tentando parecer sério e falhando miseravelmente.

- Por favor, senhor Caio. – Eu disse, tendo uma crise de riso.

Começamos a rir sem parar, minhas pernas estavam moles e minha barriga doía. Fui voltando ao meu estado normal aos poucos e focando nas chaves.

- Achei! – Eu sussurrei de uma forma alta.

- Isso! Vamos achar essa sala!

Lucas pegou na minha mão e saímos correndo em busca da sala. Tínhamos de lembrar de religar as câmeras antes de ir embora. Andamos em meio aquele labirinto de estantes, até que, depois de cinco minutos procurando sem parar, achamos a tal porta. Olhei para Lucas com um olhar preocupado, como se dissesse: ‘Tem certeza disso’? Ele retribuiu com um olhar afirmativo e encorajador, fazendo um leve movimento de ‘sim’ com a cabeça. Coloquei a chave com uma certa dificuldade, já que minhas mãos tremiam e suavam. Lucas colocou sua mão sobre a minha, como uma forma de apoio. Girei a chave e abrimos a porta.

Era uma sala escura, e a luz estava queimada. Lucas pegou seu celular e ligou a lanterna, para que pudéssemos ver pelo menos alguns palmos à nossa frente. Havia muitos armários e pilhas de documentos. Com certeza seria muito mais difícil do que pensávamos. Fui em direção a um armário onde havia diversas pastas, com anos escritos em seus identificadores. Passei o meu dedo rapidamente pelas pastas, até encontrar alguma que falasse dos anos pré-quarentena ou os anos iniciais. Claro que nós sabíamos sobre guerras, povos e sociedades antigas, períodos históricos, mas os anos de 2019 até agora e alguns costumes das populações antigas, foram privados a nós.

Depois de olhar diversas páginas, achei uma que dizia “2020”. Era isso. Achamos. Gritei o nome de Lucas, me arrependendo logo em seguida. Espero que ninguém tenha ouvido. Ele correu em minha direção, perguntando se eu tinha achado. Eu só estendi a pasta para ele. Ele sorriu com aquelas covinhas que eu tanto amava e estava tão desesperado que seu cabelo cobria os seus olhos. Olhei para ele e afastei os cabelos, levemente, de seus olhos. Ele olhou para mim, um pouco mais sério e me puxou, delicadamente, para mais perto dele. Quando nossos rostos estavam a centímetros um do outro, ouvimos a porta. Nós dois pulamos de susto e, quando íamos nos esconder, Elisa entra na sala.

- Gente, vocês estão demorando demais! Ela foi ao banheiro e eu já fiz todas as perguntas falsas! Temos que ir, agora! – Disse Elisa, apreensiva.

- Eu vou na frente e levo o documento. Uma pessoa sozinha vai chamar menos atenção. Elisa, corre e distraia a Miriam por só mais uns dois minutos. Jade, tente ligar as câmeras! Nos encontramos de volta da quadra. – Disse Lucas, já andando até a porta da sala.

Eu e Elisa concordamos com a cabeça e fomos fazer o que havíamos acabado de planejar. Tranquei a porta e corri até o escritório. Demorei alguns minutos para religar todas as câmeras, mas deu certo. Elas iriam ligar em 10 segundos. Foi o tempo que eu precisei para sair, devolver a chave e me afastar dali. Quando voltei até a recepção, Elisa já estava se despedindo da simpática senhorinha.

- Tchau, senhora Miriam! Se cuide. – Disse Elisa.

- Até mais, senhora Miriam! Obrigada por nos receber. – Eu disse, me despedindo.

- Até, meninas! Ah, aquele rapaz bonito me pediu para avisar que ele as espera no carro da reportagem, nas duas ruas de baixo. – Disse Miriam, com um sorrisinho.

Nós agradecemos e saímos dali. Olhei para Elisa e rimos do elogio feito por Miriam em relação a Lucas. Inclusive, muito bom disfarce o dele. Fomos andando até a

quadra e, ao nos aproximarmos, retirei a minha máscara para deixar o vento frio da noite soprar o meu rosto. Porém, percebi ao me aproximar do nosso point, uma música clássica bem baixinha. Olhei para 'Lisa' e ela sorria. O que estava acontecendo?

Assim que entrei na quadra, me deparei com a cena mais linda da minha vida. Havia pequenas luzinhas amarelas penduradas nas velhas grades da quadra e nos galhos mais baixos das árvores. Havia, no chão, alguns salgadinhos e um bolo com cobertura arroxeadada. Uma pequena caixinha de som tocava a música na qual eu tinha escutado e, ali parado, estava Lucas.

Ele parecia nervoso, mas soltou aquele sorriso perfeito. Ele foi andando até mim, com um buquê de girassóis. Como ele tinha feito isso?! No meio do buquê, percebi que havia uma caixinha. Eu a retirei e Lucas tomou-a, delicadamente, de minhas mãos.

- Isso quem faz sou eu! – Disse Lucas, com um tom de brincadeira e com as bochechas avermelhadas de vergonha.

Ele pediu para que eu virasse de costas e fechasse os olhos. Senti suas mãos, leves como uma pena, com medo de me machucar, colocando algo em meu pescoço.

- Pode abrir! – Ele disse.

- Ai meu deus! Eu não acredito!

Era um colar dourado, parecia ouro. Nele, havia uma linda e pequenina joia brilhante que desenhava um pequeno e delicado girassol.

- Eu não sei se eu te abraço ou brigo com você! É lindo, maravilhoso! Mas deve ter custado uma fortuna! Não mereço tudo isso. – Eu disse, sem fôlego.

- Quem disse?! – Disse Lucas, com um tom de indignação- Você é incrível, sempre trazendo luz e alegria a quem passa pelo seu caminho. Você é única, assim como esse girassol.

Meus olhos lacrimejaram. Eu não podia acreditar que eles tinham programado tudo aquilo para mim.

- Ah, e sabe o que é essa festa? – Disse Elisa, alegremente- É a sua festa de 15 anos! Lucas me contou que você sempre sonhou em ter uma, mas que isso nunca aconteceu. Ele me pediu, então, para que eu o ajudasse a montar tudo isso, para te impressionar! Mas eu não sabia nem do colar e nem da valsa...

- Valsa? – Eu disse, surpresa.

Lucas se aproximou de mim. Elisa tirou o buquê de minhas mãos, dando uma pisadela. A música começou. Era uma valsa lindíssima, que, incrementada ao clima daquilo tudo, me fez sentir em um filme da Disney. Lucas colocou uma mão na minha cintura e outra na minha mão, estendendo o meu braço. Podia senti-lo tremer. Então, ele começou a me guiar pela música. Ele olhava para mim, sorrindo de vergonha, mas conseguia ver o tanto que ele estava se esforçando para deixar aquele momento perfeito. Mal sabe ele que o momento perfeito era tê-lo junto a mim. Nos deixamos levar pela música. Ele me guiava pela quadra e, quando me girava, meu vestido rodava, com todas aquelas camadas e brilhos, cheio de magia. Quando a valsa acabou, ele me puxou para perto dele e disse:

- Eu te amo, Jade.

Eu surtei por dentro. As borboletas voltaram, o coração estava na minha garganta, meu corpo começou a ferver e minha cabeça girava. Ele disse a palavra com ‘t’.

- Eu te amo, Lucas. – Eu disse tentando parecer mais serena possível.

Ele sorriu e me beijou de novo. Todas aquelas sensações estranhas sumiram e o universo parou. Dançamos por mais um tempo e depois começou a festa! Comi quilos de coxinha, dançamos nossas músicas favoritas (baixinho, claro) e depois conversamos sobre diversos assuntos. Estava tudo simplesmente perfeito e leve. Eu não podia ter pessoas melhores ao meu lado.

Na hora de ir embora, nos despedimos de Elisa e Lucas, como sempre fazia, me acompanhou até em casa. Ao chegar no prédio, Seu Luís, o porteiro, perguntou:

- Senhorita Jade? O que a senhorita está fazendo aí fora a essa hora?

- Seu Luís! – Disse, com um sorriso amarelo- Minha mãe está de plantão e... é- eu fui...

- Fomos até a farmácia! Minha *namorada* está com muita dor de cabeça e pediu para que eu a ajudasse. – Disse Lucas.

Eu fiquei atônita. Eu queria gritar, correr, pular! EU ESTOU EM UM RELACIONAMENTO!

- Ahhh, então tudo bem! – Disse Seu Luís- Pode entrar Jade, venha depressa. E pode ficar tranquila que eu não vou contar nada a sua mãe. Sempre que vocês dois quiserem sair, podem contar comigo! Os jovens de hoje precisam de um pouco de aventura.

- Obrigada, Seu Luís! – Eu disse, completamente esbaforida. Com o apoio dele, essas saídas para nossos encontros secretos seriam muito mais facilitadas. Ele, com certeza, pensou que as roupas arrumadas eram para um encontro romântico... somos muito inteligentes.

Eu me virei, beijei Lucas e disse: “Boa noite”, com um leve sorriso. Ele respondeu o mesmo e se despediu dando um beijo em minha testa. Quando cheguei em casa, corri até o meu quarto, largando os saltos no meio do corredor. Peguei um travesseiro, enfiei minha cara nele e gritei o mais alto que pude! Tínhamos a pasta, comemos bolo e salgadinhos na minha *festa de 15 anos* e terminei a noite namorando. Pode parecer muito infantil e clichê, mas, como eu já disse, do que seria a vida sem isso?! Esse dia, com certeza, ficaria para a história!

Capítulo X

O final de semana foi incrível e eu me sentia uma nova pessoa. Minha mãe falou que eu brilhava como nunca, e tudo parecia um sonho. Falei com Lucas pelo telefone, vi filmes, comi, li... tudo parecia muito mais fácil e feliz. Quando chegou segunda-feira de manhã, tive que me preparar para uma apresentação, a qual eu preparava há dias.

Entrei na sala de aula e, só de olhar para a tela, já me bateu um calafrio. Natália e Vanessa entraram na mesma hora que eu e foram as primeiras a aparecer na sala. Mas, quer saber? Não ia deixar que elas tirassem a minha alegria. Elas não mereciam esse poder. Na verdade, esse ‘elas’ é mais para a Natália... a Vanessa pareceu gentil. Depois de alguns segundos, Elisa entrou na chamada, e pude perceber que o seu sorriso sumira assim que ela olhou para a câmera. Ela e as meninas iriam apresentar hoje também, como um trio. Será que elas tinham se falado depois do episódio da ligação? Bom, isso vai ser beem interessante...

A professora chamou as meninas primeiro e o clima ficou meio estranho, tenho que admitir. Elas iam começar a apresentação quando Lucas entrou na sala. Meu coração deu um pulo. Ele estava com os olhos meio inchados e o cabelo desarrumado de sempre. Aposto que ele tinha acabado de acordar.

- Bom dia, professora! Desculpe o atraso. – Disse Lucas, com um sorrisinho sem graça.

- Tudo bem, Lucas. Chegou a tempo. – Disse a professora de ciências.

Eu olhei para ele e percebi um sorriso. Ah, aquelas covinhas! Acho que nunca vou superá-las. A apresentação das meninas começou e pude notar que, realmente, o clima estava muito estranho entre elas. Elisa estava extremamente séria e cabisbaixa, evitando olhar para a tela o máximo possível. Ao final da apresentação, todos bateram palmas e esperamos a professora chamar a próxima apresentação, no caso, eu.

- Muito bem, meninas. Fiquem aqui ao final da aula para eu passar as notas e os comentários. Bom, agora vamos para a apresentação da Jade. Você está aí? – Perguntou a professora, mexendo em seu caderno de anotações.

- Estou sim, prof.! – Eu respondi, abrindo o meu microfone.

- Claro que ela está prof. Você acha mesmo que ela tem outra coisa mais emocionante na vida dela para fazer além desse trabalho? – Disse Natália, com um tom de risada na voz.

Senti o meu peito apertar, o silêncio que havia ficado na sala ecoava na minha cabeça e as imagens das pessoas rindo faziam com que um nó surgisse em minha garganta. Quando levantei o olhar, pude ver Lucas começando a falar alguma coisa. Eu gelei.

- E você acha que é dez mil vezes melhor que ela, não é, Natália? – Disse Lucas, com um tom irônico na voz – Isso que você fez só comprova o tanto que você é insegura. Até porque, alguém que quer fazer todos se sentirem inseguros propositalmente é aquele que é o mais inseguro e não se contenta em ver os outros se sentindo melhores que você. A Jade é inteligente, engraçada, gentil, carinhosa,

simpática, linda e é a pessoa mais corajosa que eu conheço, que nunca desiste dos seus objetivos e se mantém fiel a tudo que acredita e ama, ao contrário de alguns.

Eu fiquei paralisada. Natália olhava para baixo, todos estavam com o queixo no chão. Elisa segurava o riso e a professora escondia o seu rosto por de trás de seu caderno, escondendo suas expressões. Nunca tinha ouvido alguém falar aquelas palavras para mim. Foi, simplesmente, uma das coisas mais lindas que já me aconteceram. Peguei o meu celular escondido e mandei uma mensagem de texto:



Lucas olhou para o computador com um sorriso e escreveu: “Eu também, sua doida! É tudo culpa sua”. Eu ri e vi pelo computador que ele ria também. Nunca tinha visto ele defender alguém assim, com unhas e dentes. Bom, talvez seja mesmo culpa minha, não é?

A professora quebrou o silêncio, pedindo para que eu me apresentasse. Ao final da aula, teria de ficar junto das meninas para ouvir minha nota também... por que isso sempre acontece comigo?! Enquanto a professora falava, eu fiquei calada, olhando para qualquer lugar que não fosse a tela.

- Bom, trio, essas foram as notas e comentários de vocês. – Disse a professora, trazendo minha atenção de volta à tela – Ah, só mais uma coisa. Natália, sua atitude foi completamente desnecessária e infantil. Fico feliz que o Lucas tenha se pronunciado, pois caso ele não tivesse dito nada, meu discurso seria muito pior. Estão liberadas.

Eu segurei o riso e também meu rosto com a mão. Pude perceber que Elisa fazia o mesmo. Natália saiu da reunião assim que a professora disse ‘liberadas’. Vanessa aguardou alguns segundos, até que ela abriu o microfone e disse:

- Lucas falou aquilo que todos nós queríamos falar há tempos, mas não tínhamos coragem.

Ela sorriu e saiu da reunião. Antes que Elisa fosse embora, fiz um sinal apontando para o relógio. Ela afirmou com a cabeça e se despediu. Iríamos nos encontrar hoje (eu, Lucas e Elisa), ao final da tarde, que era o horário onde os outros médicos e enfermeiros, que ficariam durante o turno da noite, se dirigiam ao hospital. Depois de ouvir minha nota e meus comentários (que foram muito bons), a professora disse:

- Ah, uma última coisa. Pessoas como a Natália não merecem estar com pessoas boas como você. Aquilo que o Lucas disse é a completa e pura verdade. Vocês parecem ser muito próximos... isso é muito bom. – Disse a professora, com um sorriso suspeito.

Emendei um ‘obrigada’ e uma despedida assim que ela disse essa última frase. Ainda não estava psicologicamente preparada para aquilo. O dia foi passando e faltavam apenas 30 minutos para encontrar Elisa e Lucas, até que ouço meu telefone tocar.

- Alô?

- Jade? – Eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

- Pai!

Eu e meu pai não nos falávamos há séculos! Ele estava na Inglaterra já tinham três anos e nossas ligações haviam perdido a frequência. Ficava sabendo dele pela minha mãe. Quando eu era pequena, sempre brincávamos de que eu era a Agente Jade, ele o Agente Rô (o nome dele é Rônei, mas as pessoas quase nunca o chamam assim) e a minha mãe era a Agente Sarah. Saíamos correndo pela casa, resolvendo mistérios e perseguindo criminosos, salvando o mundo inteiro.

- Como você está, minha filha?

- Estou bem! Meio anestesiada agora que você está comigo pelo telefone! – Eu disse, dando uma risada – E por aí?

- Aqui também está tudo bem, na medida do possível. Como estão seus amigos, suas aulas? Os adolescentes andam aprontando muita coisa por aí?

Essa última fala de meu pai era meio estranha. Saber dos meus amigos e da escola era normal, mas por que perguntar sobre os outros adolescentes? Será que ele desconfiava que *eu* sou uma das ‘desobedientes’?

- Ah, a escola está ótima! Fiz até uma apresentação de ciências hoje. Meus amigos e eu estamos super bem! Nós conversamos todos os dias. Em relação aos outros adolescentes eu não sei, mas eu estou bem-comportada, pai! – Disfarcei.

- Disso eu não tenho dúvida, meu amor! – Ele disse com uma gargalhada.

Eu sempre fico com saudades de papai, mas durante a conversa fui percebendo que a saudade era muito maior do que eu pensava. Conversamos por uns 20 minutos, até que percebi que já devia ter saído de casa!

- Pai! – Eu disse, com um grito – Desculpa, eu amei a nossa conversa, de coração! Mas tenho que estudar para um teste e enviar um trabalho que é para agorinha! Mas me ligue mais vezes, por favor.

- Claro, minha filha! Vou ligar para você sempre que possível. Um beijo, meu amor! Bons estudos.

Desliguei o telefone, peguei o jaleco e saí voando pela porta de casa.

Capítulo XI

Corri para acompanhar o turno do final da tarde e não ficar para trás. Quando cheguei até a quadra, os dois já estavam lá. Pedi desculpas pelo atraso, explicando sobre a ligação de meu pai e deixando a minha mochila com o computador. Lucas se aproximou de mim, me dando um beijo, segurando-me pela cintura.

- Não tem problema! Pelo menos você conseguiu falar com seu pai depois de tanto tempo. Eu trouxe os documentos também. – Lucas disse, ainda segurando a minha cintura.

- E, deu tempo de a gente já dar uma olhada! Mandeí mensagem para o Valter, pedindo para ele entrar em uma ligação e acompanhar a gente. – Disse Elisa.

- O Valter aceitou? – Eu disse, surpresa – Acho que nós duas temos muito poder de convencimento! Inclusive, senhor Lucas, o que foi aquilo na aula?!

- Você achou mesmo que eu ia deixar que alguém falasse daquele jeito com a minha namorada? – Ele disse, olhando para mim.

Eu sorri e, encostando minha testa na dele, sussurrei:

- Obrigada, de verdade. Ninguém nunca disse essas palavras tão lindas para mim. Eu te amo, amor. – Vi que dessa vez, eu o surpreendi com a palavra ‘amor’. Há!

Ele me beijou e fez carinho em minha cabeça. Elisa estava ligando meu computador e abrindo os arquivos quando o telefone dela tocou. Era Valter. Mostramos os documentos e começamos a pesquisar juntos. Valter acessava o site do computador dele e completava com algumas informações. Após alguns minutos de pesquisa, Valter exclamou:

- Ah meu Deus! Não acredito!

- O que aconteceu?! – Perguntamos juntos.

- Eu consegui! Consegui acessar o arquivo do ano de 2020. Peguei as informações do documento que vocês pegaram na biblioteca e pesquisei como palavras chave, ficando mais fácil de achar informações mais diretas! Olhem isso. – Respondeu Valter, apresentando a sua tela logo em seguida.

Conforme ele foi descendo a tela, fomos lendo todas as informações. Havia diversas fotos e gráficos, mostrando as ruas vazias, as pessoas em casa, números de casos e de mortes (que eram avassaladores), entre diversos outros casos. A quarentena foi sendo prolongada até o momento onde eles deixaram o fim da quarentena como indeterminado. Todos os casos de pessoas que furaram a quarentena, os hospitais cheios... era como um apocalipse. Os países lutavam para achar uma vacina, as pessoas já estavam de quarentena há mais de sete meses, sem ver a família, ver os amigos e ir à escola, somente online.

- Ei, olhem essa imagem aqui. – Eu disse, apontando para a tela.

Valter deu zoom pelo seu computador para que nós pudéssemos ver melhor pela ligação. Era uma imagem seguida de várias outras, que mostravam pessoas,

principalmente jovens como nós, usando máscaras, segurando placas com diversas frases. As fotos mostravam protestos que foram realizados ao redor do mundo inteiro. Também haviam *prints* de várias redes sociais, também protestando. Muitos deles diziam “geração z”. O que era tudo aquilo?

- Tudo isso...são protestos. Aqui diz que esses protestos levantaram uma grande quantidade de pessoas, principalmente os jovens da época que pertenciam à geração z, a uma guerra civil contra o governo. Eles lutavam por problemas sociais e protestavam contra o governo, que obviamente não aceitou aquilo muito bem. Isso foi o estopim de toda essa guerra civil, que pareceu ser bem tensa, principalmente por ter ocorrido no pior ano da pandemia. – Disse Elisa.

- De acordo com outros arquivos que eu encontrei, o governo reprimiu todas essas manifestações que haviam causado toda essa tensão e resolveu apagar todo esse histórico, proibindo, por lei, o acesso a essas informações, para evitar que as gerações futuras fizessem o mesmo, causando uma segunda guerra civil da população contra o governo. – Disse Valter.

- E com a piora da pandemia, as pessoas acabaram ficando presas em casa e isso facilitou o controle do governo sobre a população... – Lucas completou.

Nossa vida foi rodeada de mentiras. Senti meu olho encher de lágrimas, mas não eram lágrimas de tristeza. Eram de raiva e angústia. A geração de minha mãe lutou contra essas injustiças, a situação ficou tensa, houve uma guerra civil, uma revolução! E, simplesmente, fomos privados de saber de tudo isso. Foi simplesmente apagado da nossa história. Mas agora, isso viria à tona. Nossa geração irá se erguer e lutar, assim como a geração z. Nada será privado ou guardado como um segredo. Tínhamos que lembrar e homenagear as pessoas que participaram dessa guerra civil, encorajar nossa geração e as gerações mais antigas, como nossos pais e avós, para mudar essa realidade. Tínhamos que levar isso a público.

Me despedi de Elisa, que também estava extremamente abalada. Valter desligou a chamada, com uma feição de tristeza e confusão. Lucas me acompanhou até em casa, assim como sempre, porém, diferentemente dos outros dias, o silêncio prevaleceu. Não houve nenhuma palavra, somente olhares. Meus olhos começaram a se encher de lágrimas novamente e Lucas deve ter percebido, pois segurou a minha mão e parou de caminhar.

- Jade, olhe para mim.

- Lucas, como puderam? – Eu disse, com a voz fraca e falha por causa do choro e do nó na garganta que eu sentia naquele momento.

Lucas me abraçou, passando as mãos pelo meu cabelo.

- Vai ficar tudo bem. Agora sabemos de toda a verdade. O fato deles terem escondido isso de todos nós e de terem se aproveitado dessa situação horrível e que perdura a tantos anos, é revoltante. Eu também me sinto traído. Mas graças a você, isso vai mudar! Contar a verdade para a população vai movimentar as coisas e nós vamos nos reerguer! Você movimentou tudo isso, não só me convenceu a fazer essa loucura, mas convenceu Elisa e Valter. Valter! – Ele repetiu, me fazendo dar um risinho no meio do choro. – Não tenho dúvidas de que você também vai movimentar o país inteiro. Vai

que, depois disso tudo, a gente consiga aprimorar nossos estudos sobre o COVID-19 e achar uma vacina?

- Você tem razão. Acho que isso pode ajudar na cura da COVID pois a população vai estar mais envolvida. Espero que positivamente. Você viu as fotos de 2020? Era um horror, parecia um filme, uma utopia! Por causa dessas pessoas que desrespeitaram a quarentena e subestimaram a pandemia, estamos aqui hoje. Do mesmo jeito que nós não gostamos de ter essa vida, assim como a geração z, os nossos filhos e netos também não vão gostar! Temos que seguir o exemplo das manifestações e protestos de 2020 e mudar essa realidade. Óbvio que não quero uma guerra assim como aconteceu antes. Mas também não quero ser reprimida. – Terminei de falar, com a voz um pouco mais alta.

Quando terminei de falar, vi que Lucas me olhava com seu famoso sorrisinho e com aquelas covinhas lindas. Ele parecia orgulhoso. Ele deve me amar mesmo porque ouvir a namorada tagarela fazer um discurso não é a melhor coisa do mundo. Sou sortuda de tê-lo.

- Mas ei, eu não fiz isso sozinha. Sem você, e-eu não teria conseguido. De jeito nenhum. – Eu disse, com o tom de voz mais baixo.

- E eu não seria nada sem você. – Disse Lucas, segurando levemente meu rosto.

Eu me aproximei e o beijei. Ele sempre conseguia me confortar, em todos os momentos. Se o mundo tivesse vários milhões de Lucas, tudo ia ser muuuito melhor, acredite.

Capítulo XII

No dia seguinte, eu acordei com o moletom de Lucas vestido em meu corpo. Nem me lembro de ter o colocado ontem à noite. Após ter chegado em casa, fui direto para o meu quarto e chorei. Muito. Lucas tinha me consolado e me ajudado muito no caminho até em casa, mas quando me encontrei sozinha, sem ele ou minha mãe, meu coração só apertou mais. Os últimos momentos de ontem são um borrão para mim.

Levantei da cama para tomar um chocolate quente com biscoitos de maisena, vendo a chuva pela janela. Amo o tempo nublado, chuvoso e frio... combinava com aquela manhã. Quando cheguei na sala, minha mãe estava sentada no sofá.

- Oi, filha!

- Oi, mãe! Como foi o plantão?

- Foi cansativo, como sempre – Disse minha mãe, acompanhando meu andar com os olhos – Ei, espera... que casaco é esse?

Eu congelei.

- Ah, e-eu... comprei! – Eu disse, dando praticamente um grito – Eu comprei na internet.

- Ele é diferente...

- Sim, sim! Eu comprei um diferente de propósito, mudar um pouco... enfim... vou tomar meu café. – Eu disse, com um sorriso amarelo.

Fiz o meu famoso chocolate quente (famoso só pela minha mãe, que adora), peguei os biscoitos de maisena e fui sentar no sofá próximo a janela. Uma chuva fina caía, muitas nuvens cobriam o sol. Eu havia esquecido completamente de tirar o moletom, mas tinha um lado bom naquilo... eu poderia usar o casaco com mais frequência.

Durante toda a manhã, eu não parava de pensar na descoberta de ontem. Tínhamos de mostrar isso a todos. Mas como nós faríamos aquilo? Minha cabeça já estava esquentando de tanto pensar e eu já sentia meus olhos encherem de lágrimas quando ouvi o telefone tocar. Era Lucas.

- Oi, amor! – Eu disse, me afastando da sala e indo para a cozinha.

- Amor, você viu a televisão? – Disse Lucas, com uma voz cheia de tensão.

- Televisão? Não vi nada, por que?

- Liga a TV, corre.

- Ok, mas espera, fique aqui. – Eu disse, voltando para a sala. Quando cheguei lá, entendi na hora o que estava acontecendo.

Minha mãe estava vendo a televisão, completamente chocada. Eu fui sentando lentamente no sofá, com o celular no ouvido.

- “Estou falando diretamente da biblioteca da cidade, onde um furto ocorreu. Documentos confidenciais que estavam sendo armazenados no local desapareceram. A bibliotecária, Miriam, afirma que as últimas visitas foram realizadas na terça-feira, pela manhã. Ela disse que era uma equipe da rede de televisão ‘Canal 9’, que fez uma entrevista perguntando sobre seu trabalho e a história do local. A nossa equipe entrou em contato com o ‘Canal 9’ e eles se pronunciaram, dizendo que não haviam enviado nenhuma equipe de jornalistas para nenhuma entrevista na biblioteca da cidade. As imagens das câmeras de segurança mostram a suposta equipe de filmagem, mas os rostos não foram identificados. Após a equipe entrar no local, as câmeras apagam e, quando elas são ligadas novamente, conseguimos ver duas das meninas que estavam na equipe de filmagem saindo. O menino que estava junto não foi visto novamente. O governo está à procura dos suspeitos e dos documentos que foram furtados do local. Devolvo a palavra para o estúdio”.

Eu estava fria, assustada e ouvia meu coração dentro dos meus ouvidos. Me levantei rapidamente indo até o meu quarto, sem nem escutar o que minha mãe estava me dizendo.

- Lucas... – Eu disse, com a voz trêmula.

- Eu sei! O que nós vamos fazer?! Vamos ser presos, ou até mesmo, deportados! – Nunca havia escutado Lucas tão bravo. Uma grande onda de culpa tomou conta de mim.

- É tudo culpa minha! – Eu gritei – EU te trouxe para essa situação, assim como trouxe a Elisa. Coloquei vocês em risco e agora estão procurando os suspeitos, que somos nós! V-você teria tido uma vida muito melhor se não tivesse me conhecido. Eu não te faço bem, é melhor que você esteja longe de mim. – Eu disse, entre soluços e muitas lágrimas.

- Jade! Não! Não é culpa sua! Não vou me afastar de você, nem pense nisso. Estamos fazendo algo certo, só não da maneira mais correta... mas não tivemos outra opção!

- Lucas, não quero te trazer para dentro disso... não... não podemos mais –

- Não termine essa frase, por favor! – Ele disse, com a voz trêmula, parecia segurar o choro – **“Sempre há esperança. Novos acontecimentos ainda são aguardados. Nem toda informação já foi divulgada. Não, não perca a esperança ainda, ela é a última coisa que se vai. Quando você a perde, já perdeu tudo. E quando você pensa que está tudo perdido, tudo é sinistro e sombrio, sempre há esperança”.** (Henri, ‘*Eu sou o número quatro – Os legados de Lorien*’).

- Me desculpe. – Eu disse, desligando o telefone.

Lucas tentou me ligar novamente, mas eu ignorei a ligação. Não quero fazer mal a ele, muito menos trazer problemas que podem levar a consequências graves. Ele não merece isso na vida dele... eu não o mereço. Eu o amo muito, muito mais do que eu pensei que poderia amar alguém e, exatamente por isso, tinha que afastá-lo de mim. Lágrimas começaram a sair descontroladamente dos meus olhos, minhas pernas ficaram fracas e eu fui caindo no chão, lentamente. Eu abraçava o meu próprio corpo, tocando em seu casaco.

Minha mãe deve ter escutado meu choro, pois ouvi algumas batidas na porta do meu quarto. O choro não me permitia responder. Ela abriu a porta do quarto, me viu e, sem nenhuma pergunta, sentou ao meu lado no chão frio do quarto e me abraçou. Desabei ainda mais. Ela passava as mãos pelo meu cabelo, mantendo seus lábios em minha testa. Ela repetia que tudo ia ficar bem, me deitando em seu colo. Não havia lugar melhor do que o colo de mãe.

Eu acabei adormecendo e, quando acordei, estava em minha cama, enrolada em alguns edredons quentinhos e ainda vestia o seu moletom. Quando peguei meu celular, haviam diversas mensagens não lidas e ligações perdidas, todas com o identificador “Amor”. Meu coração apertou na hora em que li esse nome e já me senti fraca novamente. Entre essas mensagens, estava um áudio de Elisa.

- “JADE, por que o Lucas me ligou, desesperado, falando que você terminou com ele?! Eu sei que você viu o noticiário, mas você não tem culpa disso! Ele te ama muito e eu sei que você fez isso pensando que seria melhor para ele, mas acredite, ele não se importa com nada além de te apoiar”.

Após aquele áudio, as lágrimas estavam de volta. Eu tinha cometido um erro pensando que afastá-lo de mim o ajudaria? Quer saber, não queria saber de mais perguntas. Levantei e sai. Minha mãe perguntou para onde eu ia, ainda mais sem máscara, mas eu não respondi. Sai correndo pela rua, sentindo o vento e a chuva em meu cabelo. Quando avistei a quadra, corri mais rápido ainda, tirando o celular do meu bolso e mandando um áudio para Lucas.

- Por favor, me encontre na quadra! – Minha voz estava ofegante por causa da corrida e do frio.

Não sabia se ele iria visualizar, mas torcia para que sim. Ele tinha que ver. Enquanto corria, sentia o meu colar, aquele que ele havia me dado quando me pediu em namoro, balançando fortemente conforme eu disparava pela rua vazia. Tinha que ir mais rápido. Quando cheguei até a quadra, passei pelas árvores e, quando cheguei até a grade, eu o vi. Eu corri e, literalmente, pulei em cima dele. Eu o abracei como se fosse a última vez que eu o veria. A chuva forte começou a cair, mas nós nem ligamos.

- Me perdoa, por favor! – Eu disse, em prantos.

- Você não tem que pedir desculpas de nada! Você só me mostrou o tanto que você se importa comigo, a ponto de me deixar ir. – Ele disse, chorando também – Além do mais, eu sabia que poderia te encontrar aqui. – Ele disse com uma piscadinha.

- Eu te amo. E... molhei o seu moletom. – Eu disse, dando um risinho.

- Eu te amo. E... eu não me importo nem um pouquinho. – Ele disse, mostrando aquelas covinhas que tinham o poder de transformar uma tempestade escura em um arco-íris.

Ele pegou o meu rosto com as duas mãos, e encostou seus lábios nos meus. A chuva caía sem parar sobre nós, o vento batia, e eu o sentia em meus braços. Ele tinha voltado para mim. Aquele momento parecia estar em câmera lenta.

Capítulo XIII

Ele me acompanhou até em casa, me dando um beijo ao chegar no portão. Estava sorridente e completamente ensopada pela chuva, quando eu avisto a minha mãe na portaria. Toda a minha alegria e entusiasmo caíram por terra e pude ver na expressão de Lucas que ele estava tão ou mais preocupado do que eu.

- Jade! O que está acontecendo?! – Disse minha mãe, mais brava do que nunca.

- Mãe, antes de você surtar, peço que me escute. Podemos subir? – Eu disse bem devagar, tentando apaziguar a situação.

Minha mãe fez que sim com a cabeça, mas não mexeu um músculo sequer do rosto. Ela estava completamente séria. Virei para trás e sinalizei com a cabeça para que Lucas viesse junto. Ele me olhou assustado, como se perguntasse se eu estava realmente falando com ele. Ergui a minha mão, pedindo que ele a segurasse. Passamos pela portaria e entramos no elevador, todos calados. Meu cabelo pingava no chão do elevador, fazendo um barulho cada vez que as gotas tocavam o solo, deixando o clima ainda mais tenso.

Talvez eu não seja muito normal. Na verdade, eu não sou. Mas sempre quando estou em momentos tensos como este, eu tenho vontade de rir. E é um hábito terrível, pois só piora a gravidade da situação. Estava olhando para baixo, tentando segurar o riso. Lucas me conhece muito bem e sabia exatamente o que estava acontecendo comigo, até que ele começou a segurar o riso também e apertou a minha mão. Eu já estava completamente agoniada, aquele elevador não ia chegar nunca?!

Quando chegamos, minha mãe passou por nós dois, abrindo a porta do apartamento. Olhei para Lucas, com o riso preso, e o puxei para dentro de casa. Quando entramos, eu nem olhei para o rosto de minha mãe. Simplesmente o levei para o banheiro, separando uma toalha para que ele se secasse.

- Isso vai dar muito errado. – Eu disse, quase me sufocando para não rir.

- E você ainda me mandou subir? Eu não queria conhecer sua mãe pessoalmente nessas circunstâncias! – Ele disse com um falso tom bravo.

Eu não aguentei e comecei a rir. Obviamente, Lucas também. Eu me apoiei em seu peito pois estava fraca de tanto gargalhar. Ele passou a mão pela minha cintura, me fazendo cosquinha no meu ponto fraco. Ele ia jogar assim? Pois bem, era guerra! Comecei a fazer cosquinha em Lucas também, e era ataque contra ataque, até que vimos a silhueta de minha mãe, parada na porta. Ficamos sérios imediatamente, arrumando a postura e saindo do banheiro, em direção a sala.

Nos sentamos no sofá, eu e Lucas no sofá que fica encostado na parede e minha mãe no que ficava na frente da janela (era mais uma poltrona). Ela nos encarou por algum tempo, olhando desde os nossos cabelos molhados até as roupas, igualmente encharcadas. Lucas estava com o braço abraçando a minha cintura por trás, e eu estava com a minha mão em seu colo. Acho que minha mãe já havia entendido o que estava rolando, era quase como um outdoor com luzes brilhantes indicando que estávamos juntos.

- Bom, vejo que estão bem próximos... mais do que deveriam. – Disse minha mãe, quebrando o silêncio.

- Mãe, vou explicar o que aconteceu e peço a sua paciência, por favor.

Eu expliquei todas as minhas saídas secretas, falei sobre o nosso sentimento e o plano, como eu e Lucas ficamos juntos e o porquê de ter desabado ontem. Também disse que Elisa e Valter estavam envolvidos e, claro, não tive outra escolha além de falar o que descobrimos.

- Então vocês invadiram a biblioteca? – Disse a minha mãe, um pouco anestesiada pela bomba que eu havia jogado.

- ‘Tia’ Sarah, eu sei que parece loucura. Mas por causa dela, libertaremos a nossa geração e a sua! Vocês foram obrigados a guardar esse segredo ou sofreriam grandes consequências. Por causa de Jade, nós podemos mudar isso. E... ela não estava sozinha. Eu a apoiei e minha vida mudou para melhor desde que a vi pessoalmente. – Respondeu Lucas, do jeito mais calmo possível.

Minha mãe olhou para nós dois e sorriu.

- Vocês são incríveis. Estou orgulhosa de vocês. Mesmo sendo tudo ilegal, eu estou orgulhosa. E, claro, feliz por vocês dois. – Fiquei surpresa com essa declaração de minha mãe, tenho que admitir.

- Eu sabia que você não iria ficar brava por tanto tempo. – Eu disse, provocando a minha mãe com um sorrisinho, e ela retribuiu.

Eu me levantei para abraçá-la e puxei Lucas. Ele soltou uma gargalhada, mas se juntou a nós em um abraço coletivo. Depois de conversarmos um pouco, fui para o meu quarto com Lucas para trocarmos de roupa.

- Acho que deve ter alguma roupa de meu pai que caiba em você. – Eu disse abrindo uma gaveta com algumas roupas dele.

- Você falou com seu pai? Depois daquele dia? – Ele perguntou, se sentando na minha cama.

- Só por mensagens de texto. Mas vou admitir, ele anda meio estranho. No dia que ele me ligou pela primeira vez em muito tempo, ele perguntou se os adolescentes estavam desobedecendo muito e, claro eu gelei. Pensei que ele sabia do que estávamos fazendo. – Falei enquanto procurava uma camiseta.

- E ele sabia ou desconfiava de algo?

- Não, ele não sabia de nada. Mas pelas mensagens de texto ele também mencionou esse tipo de coisa algumas vezes. Se eu frequentava grupos maiores de jovens e sabia de algo, me manda vídeos sobre a adolescência, crimes, leis... não sei dizer. Aí tem. Se ele queria saber alguma coisa sobre mim, ele nem soube disfarçar...

- Que estranho... se ele sabe de alguma coisa, eu ficaria muito surpreso. Ele está na Inglaterra, alguém precisa ter o contado para ele saber de tudo isso.

- Pois é, é nisso que eu penso! Eu acho que ele entrou em contato comigo só para ficar sabendo de alguma coisa, só por... interesse. – Eu disse, entregando uma camiseta e uma bermuda a Lucas.

- Se ele fez isso, seu pai já perdeu pontos comigo – Disse Lucas, pegando as roupas de minha mão.

- Hahaha! – Eu dei uma risada irônica – Essa briga eu queria ver.

- Quer é? – Ele disse, puxando levemente o meu braço me fazendo sentar na cama, em seu colo.

- Sabia que eu adoro suas covinhas? – Eu disse, afastando o cabelo dele do olho.

- Quem não gosta delas? – Disse ele, extremamente convencido.

Eu dei um leve empurrãozinho em seu peito e ri. Ele ficou me olhando por alguns instantes, como se estivesse guardando cada pedacinho de mim em sua memória. Eu me aproximei de seu rosto e o beijei. Acho que nunca havíamos ficado em um lugar tão seguro assim, sem medo nenhum de acharem a gente em uma das reuniões secretas. Foi um sentimento diferente... um diferente bom. Parece que momentos como esse não seriam mais tão impossíveis assim.

Capítulo XIV

Eu simplesmente não conseguia parar de pensar na grande descoberta que havíamos feito. Já tinha se passado dois dias desde que nos inteiramos de todos os segredos e já tinham descoberto que os documentos haviam sumido. Se nós não expusemos tudo agora, é provável que o governo nos ache primeiro e, se esse for o cenário, esse segredo continuará sendo guardado de todos.

Durante uma das aulas, eu vi Elisa pela tela, tão entediada quanto eu. Elisa... Elisa! Mas é claro, como nunca pensei nisso antes?! A mãe de Elisa é uma jornalista de uma das maiores redes de televisão do país. Se nós déssemos um jeito de contar para ela, ou simplesmente invadir uma de suas entrevistas, conseguiríamos contar tudo em rede nacional! Ok, talvez invadir uma das entrevistas seja uma péssima ideia... melhor contar a verdade. AH! Minha mãe já sabe de tudo e mães sempre se entendem. Principalmente as nossas, que são melhores amigas. Minha mãe poderia nos ajudar a convencer a mãe de Elisa a nos dar um espaço e contar toda a verdade!

Eu devia estar completamente mergulhada nesse meu plano incrível, pois não tinha percebido que o professor estava chamando o meu nome. A voz dele começou a entrar nos meus pensamentos, ficando cada vez mais alta até eu me tocar do que estava acontecendo. Saí dos meus devaneios e liguei meu microfone, completamente eufórica. Elisa deve ter percebido que eu tinha tido alguma ideia, pois ela me olhou, pegou o celular e enviou uma mensagem: “Temos um plano”? Eu sorri e soltei:

- Tenho! – Eu disse, gritando no microfone. Literalmente.

O professor olhou para mim, completamente confuso. Lucas estava segurando o riso no limite e Elisa ficou tão eufórica quanto eu.

- Eu... tenho uma resposta para sua pergunta, professor! – Eu disse, falando pausadamente e meio arrastado, com um tom de voz bem mais baixo.

O professor abaixou os óculos, esperando a minha resposta. Eu não fazia ideia do que ele tinha perguntado. Mas, quem liga? EU TENHO UM PLANO! Quem acabou respondendo a pergunta foi Natália. Claro que ela se aproveitou da situação para me inferiorizar, como sempre fazia. Mas eu não estava com cabeça para coisas bestas assim, muito menos para a Natália. Quer saber? Acho que vou dar uma indireta, ela não vai entender mesmo...

- Natália, um dia, num futuro muuuito próximo, você vai me agradecer. – Eu disse, com um sorrisinho no final.

Lucas e Elisa começaram a rir na hora. Óbvio que o resto dos meus colegas de classe não entenderam absolutamente nada, mas, ainda sim, eles riram.

Mais tarde na quadra de esportes, apresentei o meu plano genial a eles.

- Gente, vai dar certo! Eu expliquei para minha mãe e ela topou em ajudar. Vamos dizer a verdade para todos, em rede nacional! Temos que conseguir um horário nobre, onde todos vão estar assistindo. – Estava em pé, no meio da quadra, enquanto os dois estavam sentados, olhando para mim e rindo.

- É, acho que temos um plano! – Disse Lucas, se levantando também.

- E eu posso levar meu celular e transmitir ao vivo, para que os que não estão na TV, vejam pela internet! – Disse Elisa, se levantando também.

Todos nós começamos a comemorar e nos juntamos em um longo abraço coletivo. Tinha sido uma experiência incrível. Nunca na minha vida eu tinha tido um contato tão grande com as pessoas. Não só contato físico, mas se conhecer melhor, se aproximar, chorar, rir e até mesmo dançar com um vestido da realeza no meio de uma quadra abandonada! Eu nunca pensei que me sentiria tão realizada e *completa*. Completa... sempre sonhei com a sensação de não sentir nenhum vazio. De estar em paz consigo mesmo, não importando o mundo a sua volta.

Tanta coisa tinha mudado em tão pouco tempo, eu era uma pessoa completamente nova. Assim como minha avó, Laura, disse que ela se tornou uma outra pessoa após alguns meses desde que ela havia entrado em quarentena, eu também havia me transformado, só que saindo dela. Será que meu pai ficaria orgulhoso de mim? Ele andava tão estranho ultimamente... não sei. Só sei que eu estou extremamente animada e confiante. No futuro, imagino nos títulos de livros de história: “Como um rebelde, um namorado, uma melhor amiga e uma menina completamente doida, mudaram a realidade”.

Ao mesmo tempo que eu estava eufórica no meio daquele abraço coletivo, um pouco de tristeza aparecia em mim. Eu amo muito Elisa e Lucas e esses momentos incríveis que havíamos passado juntos foram os melhores da minha vida! E, exatamente por isso, eu estava com medo do depois... Claro, Jade sofrendo antecipadamente não é uma grande surpresa, mas aquilo estava me afetando de um jeito diferente.

- Gente, - Eu disse, me afastando um pouco do abraço – Eu não seria nada sem vocês. Durante todos esses 16 anos da minha vida, eu nunca me senti inteiramente feliz. Na verdade, nunca me senti inteira. Mas, nas últimas semanas, eu me senti assim. Algo que parecia impossível aconteceu por causa de vocês. Quero tê-los ao meu lado para a vida toda, nem ousem escapar de mim, até porque, vocês não vão conseguir - Eu disse, com lágrimas nos olhos. Eles riram. – Me prometam que vamos continuar a ter mais momentos assim? Mesmo que não sejam tão aventureiros e ilegais como esses que tivemos?

- Você está doida? Claro que nós vamos fazer isso mais vezes! – Disse Lucas, abrindo os braços, como se estivesse simbolizando aquele momento – Só peço uma coisa... que seja uma coisa mais leve, da paz e tranquila. Por favor.

Todos nós começamos a rir! Realmente, os próximos encontros tinham que ser muito tranquilos. E permitidos.

- Até porque, vai ser muito mais fácil se encontrar depois dessa bomba que vamos jogar! – Disse Elisa, se recuperando da crise de risos – Venham, vamos tirar uma *selfie*.

Eu fiz uma careta e Lucas riu. Elisa me olhou feio e, na hora, já me juntei para a foto. Todos nós sorrimos e nos abraçamos. O dia estava lindo, o sol iluminava nossos rostos e o vento soprava os nossos cabelos. A foto ficou perfeita!

- Ei, *lovebirds*, deixa eu tirar umas fotinhas de vocês. – Disse Elisa, super animada.

Olhei para Lucas, ele olhou para mim... por que não? Começamos e tirar várias fotos: no meio da quadra, sentados, em pé, apoiado nas grades, deitados, de mãos dadas... Elisa dava todos os comandos e nós só obedecíamos. Mas tenho que admitir, estava sendo divertido.

- Agora um beijo. – Elisa disse, escondendo o sorriso por trás do telefone.

Eu ri e olhei para Lucas. Ele olhou para mim e sorriu.

- Nossa, perfeito! Ficou super espontânea! – Esbravejou Elisa, tirando uma foto daquele momento enquanto eu e Lucas ríamos – Agora o beijo!

Lucas segurou meu rosto e me beijou. Mesmo com Elisa em nossa volta, tirando fotos de diversos ângulos, eu não conseguia focar em nada mais além daquele momento. Sempre que nós nos beijamos, eu sempre sinto um frio na barriga, como se fosse a primeira vez. Ficamos ali a tarde inteira, até que ouvimos alguém se aproximar da quadra. Nós nos entreolhamos e, disfarçadamente, fomos para o outro lado da quadra.

- *Boa tarde! Sim, eu tenho algumas notícias sobre o desaparecimento dos documentos.* – Olhei para ‘Lisa’ e Lucas assustada e ficamos completamente estáticos – *Câmeras de segurança de uma farmácia 24 horas captaram imagens de um menino, o mesmo que se encontrava na biblioteca, colocando algo em sua mochila e correndo. Novamente, o rosto não conseguiu ser visualizado pelas imagens. O governo já iniciou medidas de proteção à população e rondas de polícia vão começar a circular a cidade, procurando por testemunhas e suspeitos, a partir de amanhã, sexta-feira.*

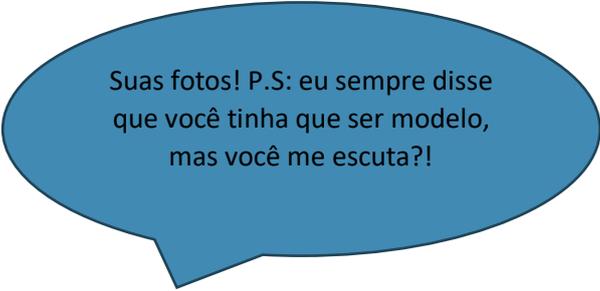
Eu olhei para Lucas, querendo chorar novamente. Elisa segurou meu braço e sussurrou: “Vai ficar tudo bem! Nós vamos acabar com isso amanhã”, dando um leve sorriso. Lucas confirmou: “É, não se preocupe! Logo, ninguém vai se importar com esse roubo dos documentos. Vão ter assuntos mais importantes”. Ele deu uma piscadinha e me abraçou. Sei que isso tudo teria um fim, mas algo não me parecia certo.

Capítulo XV

- Mãe, você conseguiu falar com a mãe da Elisa? Precisamos fazer isso hoje, ou será tarde!

- Calma, Jade! Fique tranquila. Eu já falei com ela e ela aceitou ajudar. Inclusive, disse que estava muito orgulhosa e que sempre soube que você faria uma grande diferença. – Eu sorri e joguei meu cabelo para trás de um jeito convencido, fazendo minha mãe rir.

Arrumei o cabelo e passei uma maquiagem, até porque, o dia seria bem especial, não? Enquanto pegava uma roupa, ouvi meu celular tocar em cima da cama. Quando o peguei, vi uma notificação de Elisa.



Suas fotos! P.S: eu sempre disse que você tinha que ser modelo, mas você me escuta?!

Eu revirei os olhos, aquela observação não era nem um pouco necessária. Quando abri as fotos, eu me surpreendi. Elas estavam, realmente, perfeitas. Nunca fui muito afim de fotos, mas essas... eram diferentes de todas que eu já vi. As covinhas de Lucas apareciam em quase todas as fotos, e eu AMEI! Iria guardar aquelas fotos para sempre. E... até que eu me arrependi um pouquinho de ter revirado os olhos para a observação de 'Lisa', mas só um pouquinho.

Peguei o moletom de Lucas, uma calça jeans e um coturno preto. Estava pronta. Bem nervosa, mas pronta. Sai pela porta de casa, coloquei a minha máscara e segui até a quadra. No caminho, recebi uma ligação de Lucas.

- E aí, linda? Está tudo bem?

- Oi, lindo! Para ser bem sincera, eu estou bem só por fora, porque por dentro eu estou uma bagunça.

- Até parece! Vai dar tudo certo, você vai ver. Vamos acabar com tudo isso de uma vez por todas. A Elisa te deu mais alguma notícia? A mãe dela aceitou?

- Então, minha mãe conversou com a mãe dela e ela aceitou participar. Vai ser por volta de 13h, o que é bom pois mais gente vai estar vendo o jornal na hora do almoço. Elisa já está na quadra e trouxe o celular para fazer a transmissão ao vivo. Acho que está tudo sob controle.

- Ok! Viu, eu falei que não tinha com o que se preocupar. Ah! Quase me esqueci. O Valter me ligou agora a pouco e disse que vai acompanhar tudo pela TV. Ele passou a informação por aquele site proibido. Agora mais gente sabe e mais gente vai nos apoiar. Você tem ideia de que nós estamos fazendo uma revolução? – Disse Lucas com muita empolgação na voz.

- Ainda não acredito que conseguimos! Ah, já consigo ver Elisa daqui. Venha rápido, estamos te esperando.

- Ok, estou a caminho! Não sinta muito a minha falta.

- Impossível. – Eu respondi com um sorriso.

- Eu te amo.

- Eu te amo.

Corri até Elisa e a abracei. Começamos a conversar sobre diversas coisas, tentando nos distrair um pouco. Estávamos muito ansiosas, em questão de horas, tudo seria diferente.

- Você acha que seremos presas? Mesmo depois de fazer algo bom? – Perguntou Elisa, um pouco aflita.

- Bom, se formos presas, vamos ter muitos apoiadores para nos defender. – Eu disse, dando um sorrisinho.

- Inclusive, aquela indireta que você falou para a Natália hoje foi épica! Ela ficou extremamente confusa. Mal sabe ela que você está por trás do roubo dos documentos e desse plano que vai libertar a vida dela!

- NÓS roubamos o documento, senhorita “*Elizabete*”!

Elisa e eu tivemos uma crise de risos. Ela segurava a barriga de tanto rir! De onde ela tinha tirado aqueles nomes?! Sei que, graças a esses pseudônimos completamente aleatórios, ninguém nos descobriu. Estávamos rindo tanto que nem percebemos quando Lucas chegou.

- Está tudo certinho por aí? – Ele disse, dando um risinho enquanto falava.

- Oi! – Eu disse, ainda rindo, me levantando para abraçá-lo – Tudo mais do que certo.

- Vou acreditar então. – Ele gargalhou – Enquanto eu vinha para cá, vi o carro da rede de TV que sua mãe trabalha, ‘Lisa’. É melhor nós irmos ali para frente, eles não vão nos achar no meio dessa quadra cheia de árvores.

Nós concordamos e fomos para a calçada, esperando o carro chegar. Avistamos o carro no horizonte e senti meu estômago dar um nó. Lucas, que me conhece mais do que eu mesma, pegou na minha mão, me fazendo ficar de frente para ele e sussurrou: “Vai ficar tudo bem. Nada nos para agora”. Eu sorri e o beijei.

- Ah! Eu esqueci o meu telefone na quadra. – Disse Elisa, enfiando a mão nos bolsos vazios de sua calça.

- Eu pego! Pode ficar aqui com Lucas para receber a equipe de filmagem. – Me levantei e fui até a quadra.

Avistei de cara o celular no chão. Sinceramente, eu acho que Elisa tem o super poder de esquecer tudo o que ela tem nos lugares! Peguei o celular e, quando estava voltando para a calçada, ouvi um barulho enorme. Pareciam pneus de carro arrastando fortemente na pista e depois, um impacto. Quando comecei a andar um pouco mais rápido para ver o que tinha acontecido, ouvi Elisa gritar.

- Jade! Jade! Ajuda, por favor!

Ela estava chorando muito e, na hora, meu coração disparou. Eu corri desesperada até a calçada para acalmá-la e entender o que tinha ocorrido.

- Elisa, o que-

Meu coração parou. Todos os barulhos ficaram distantes. Eu só conseguia ver um carro que havia passado por cima da calçada, tentando dar a ré para fugir. Ele havia sido atingido. Lucas estava no chão, extremamente machucado e havia sangue por toda a sua roupa. Minhas pernas fraquejaram e eu caí, junto a ele.

- Não! Não, por favor, não! – Eu chorava tanto que não conseguia puxar o ar – Acorde, Lucas! Por favor!

Eu segurei o seu rosto, tentando ter alguma reação, mas seus olhos mal estavam abertos. Ele estava pálido. Ele... ele estava partindo.

- Jade... – Ele disse com uma voz falhada e fraca.

- Lucas, você tem que resistir! Alguém chama uma ambulância, por favor! – Eu gritava - Não me abandone aqui, por favor! Eu não vou conseguir viver sem te encontrar todos os dias, sem ver suas covinhas, sem ter sua companhia até em casa e sem ouvir você falar “até amanhã” todas as noites! Fique aqui, por favor...

- Jade, não chore. Eu nunca vou te abandonar. Lembra do que conversamos ontem?

- Mas não é a mesma coisa... – eu dizia, soluçando entre minhas lágrimas – Se-se eu pudesse, eu trocava de lugar e ficaria na frente desse carro. Se eu não tivesse saído, eu poderia ter te salvado! – Eu gritei.

- Eu não me perdoaria nunca se você fizesse isso. Jade, eu te amo.

- Não, não, não, por favor! – Ele colocou as mãos no meu rosto, com muita dificuldade.

- Só, pense que... – sua fala foi cortada por uma tosse, que o fez gemer de dor – pense que nós vamos nos ver outra vez. Só não vou dizer ‘até amanhã’ porque você tem muitas coisas importantes para viver ainda e amanhã é cedo demais.

- Você também tem muitas coisas para viver! Eu não vou aguentar. – Eu disse sussurrando, encostando minha testa na sua.

- Vai, eu sei que vai. Minha garota é mais forte do que pensa. – Lágrimas começaram a sair de seus olhos. – Eu te amo, Jade.

- Eu te amo.

Coloquei minhas mãos em seu rosto e percebi seus olhos se fechando. Ele estava ficando mais pálido e mais fraco.

- Não! Não, por favor não! – Minhas lágrimas caíam sobre o seu rosto, completamente machucado.

Seus olhos se fecharam. Eu não achava forças para falar, ou gritar mais. Me deitei em seu peito e minhas emoções tomaram conta de mim. Eu não via mais nada além dele. Aquela parte de mim que havia ficado completa, se fora junto com Lucas, e nunca mais retornaria.

- Amiga, eu... eu sinto muito! – Disse Elisa em prantos, se agachando junto a mim.

Eu não queria soltá-lo. Não queria deixá-lo ir. Quando levantei o olhar, pude perceber várias pessoas da equipe de filmagem segurando um homem.

- Quem é ele?

- Ele... atropelou Lucas. O homem tentou fugir, mas seu carro demorou a descer da guia e a equipe de filmagem conseguiu segurá-lo.

Eu me levantei e, junto a tristeza, nasceu o ódio. Eu fui até aquele homem e agarrei seu braço, com força, fazendo com que ele olhasse para mim. Quando eu o vi, meu mundo caiu. Eu não entendia mais nada.

- PAI? O que você está fazendo aqui?! – Eu gritava e sentia meu peito doer.

- Jade e-eu... Você está envolvida nisso?

- Você não me respondeu!

Ouvi alguém me chamar e avistei minha mãe. Ela veio correndo na minha direção.

- Elisa me mandou uma mensagem, onde está o Lucas, o que...

Quando ela chegou até mim e se virou para o homem com quem eu gritava, ela parou de falar.

- Mãe, ele o atropelou.

- Rô?! O que você está fazendo aqui! Você atropelou Lucas? – Minha mãe começou a gritar ainda mais alto do que eu.

- Eu voltei da Inglaterra há muito tempo e fui contratado para trabalhar para o governo. Descobrimos que alguém tinha acessado uma página ilegal e começamos a investigar. Depois do furto à biblioteca, conseguimos saber que eram adolescentes que estavam envolvidos e juntamos as peças. Com algumas câmeras de rua, localizamos o garoto e me convocaram para mata-lo, mas eu não sabia que você estava envolvida! – Gritou o meu pai. Eu não o reconhecia mais.

- Esse é o seu argumento?! Não sabia que eu estava envolvida?! Você matou o MEU namorado, meu melhor amigo. Enganou mamãe e eu por anos! – Eu gritei enquanto chorava ainda mais – Não só isso, como você sabia que algo estava acontecendo e me USOU para tentar descobrir alguma coisa! Você o matou! Meu próprio pai fez isso praticamente na minha FRENTE!

- Jade, me perdoe, por favor! Eu te amo – Ele disse, tentando me abraçar, mesmo com diversos homens o segurando.

- Não! – Eu gritei – Não toque em mim e não me diga essa frase, porque você mesmo sabe que é mentira! Nunca mais quero te ver, nunca! – Eu me afastei rapidamente e, quando virei a cabeça em direção a Lucas, vi que a ambulância havia chegado e estava o levando embora.

Eu corri disparada até ele, e comecei a chorar e gritar. Pedia para que eles não o levassem.

- Eu sinto muito, querida. Mas ele se foi.

Quando a paramédica disse aquelas palavras, eu caí no asfalto, no mesmo lugar onde ele havia sofrido o acidente. Abraçava o meu corpo, que estava vestido com o seu moletom e segurava a correntinha que ele havia me dado. Ele havia partido. Para sempre. Senti meus olhos ficarem pesados, meus ouvidos apitavam e uma forte pressão atuava sobre a minha cabeça. Eu fechei os olhos e todos os barulhos sumiram. Não haviam gritos, luzes, nada. Quando eu abri os olhos, estava no meu quarto. Ouvi algumas batidas na porta e Lucas entrou. Ele parou na porta do quarto e ali ficou. Meus olhos arregalaram e eu comecei a chorar. Queria dizer que o amava, mas, por algum motivo, eu não conseguia falar nada.

- Linda, você consegue! Você tem de mostrar a todos a nossa descoberta. Olha o tanto de coisas que você fez para chegar até onde você está. Não pode desistir agora. Faça. Por mim.

Eu mexi a cabeça, fazendo um sinal afirmativo. Eu queria dizer que o amava, queria abraçá-lo, beijá-lo, tocá-lo pela última vez, mas não consegui. Meus olhos foram fechando novamente e, por mais que eu tentasse com toda a força e resistência do mundo, eles se fecharam. Tudo ficou preto e, aos poucos, fui recuperando os sentidos.

- Jade, você consegue me ouvir? Acorde, por favor! – Reconheci a voz de Elisa.

Fui abrindo os olhos novamente e me encontrei na rua, deitada no asfalto. Alguns paramédicos vieram me socorrer e estava uma confusão.

- Jade, você desmaiou. Você está bem?

- Sim, 'Lisa'. – Eu disse, lentamente – Elisa! Peça para que eles liguem as câmeras, agora! – Fui tentando me levantar, por mais que dissessem que era melhor eu ficar deitada.

- As câmeras? Ao vivo, agora?!

- Sim! Rápido, 'Lisa'!

A equipe de filmagem chegou até mim e entraram ao vivo, sem nem pedir permissão para o estúdio. Elisa ligou o celular e começou a transmissão ao vivo. Eu ainda estava tentando me recuperar do desmaio, mas senti força para continuar. Chegou a hora.

- Desculpe interromper a sua programação, mas preciso anunciar isso. Todos nós, jovens, fomos enganados. Nossos pais e avós, reprimidos. Nós fomos privados de saber sobre a nossa própria história e condenados a viver entre quatro paredes sem saber do que nos trouxe até aqui. Eu, assim como todos nós, estava cansada de viver nas

escuras e fui atrás de respostas. Eu, Elisa e Lucas. – Meu coração apertou – Nós fomos atrás de informações em sites proibidos, livros antigos e qualquer coisa que pudesse nos trazer qualquer informação relevante. Isso não seria possível sem a participação de um amigo extremamente inteligente, mas não vou citar seu nome, por pedido do próprio. – Eu disse, dando um sorrisinho - Após furtrar documentos sobre o nosso passado que estavam escondidos na biblioteca da cidade, descobrimos tudo.

- Em 2020, o pior ano da pandemia, tudo era o caos. Pessoas não respeitavam a quarentena, aumentando o número de casos e mortes, que eram avassaladores. Só no nosso país, morriam mais de 1000 pessoas por dia. Não só isso, como muitas injustiças e problemas estavam acontecendo, e nada estava sendo feito para ajudar ou resolver. A geração de nossos pais, a geração z que, na época, tinha a nossa idade, começou a fazer protestos e lutar contra todos esses problemas e o governo. Isso acabou virando uma guerra civil tensa entre a população e o governo. Com a piora da pandemia, o governo reprimiu todos os movimentos e declarou *lockdown* absoluto, se aproveitando do cenário terrível que a COVID-19 estava criando para impedir que as pessoas continuassem lutando. Eles mantiveram as pessoas em casa e não estavam mais tão preocupados em tentar achar a cura ou importar testes de outros países contra o vírus, pois quanto mais tempo a população ficasse presa em casa, melhor para eles.

- Como se já não fosse o suficiente, o governo proibiu que qualquer pessoa desse informações sobre o passado para as próximas gerações, ou os mesmos sofreriam graves consequências. Censurando pesquisas e livros, apagando 2020 e os anos que se seguiram da história, para que, assim, as gerações futuras, que somos nós e, futuramente, nossos filhos e netos, não se inspirassem na geração z e não causassem novas revoltas e outra possível guerra civil. Vivemos dentro de uma mentira, sem saber da nossa própria história. Temos que homenagear a geração que lutou para garantir direitos e resolver problemas e encontrar soluções. Temos que nos inspirar e fazer o mesmo, ou as próximas gerações vão viver a mesma realidade que a nossa, sendo privados da própria história e identidade. Juntos, podemos, inclusive, lutar contra a COVID, investindo dinheiro, encomendando testes de vacinas do exterior e melhorar a situação, tudo isso com o poder da nossa voz.

Todos ficaram estáticos. Um silêncio perdurou por alguns segundos, até as pessoas começarem a gritar das janelas e se manifestar nas redes sociais. Olhei para Elisa e vi que ela me olhava. Ela estava orgulhosa. Corri até ela, a abracei e comecei a chorar. Pessoas começaram a bater palmas, descer de seus apartamentos e meu celular estava recebendo 10.000 mensagens por segundo.

- Você conseguiu. – Disse Elisa, chorando também.

- Nós conseguimos. – Eu pisquei.

Olhei para minha mãe e ela chorava. Nada seria igual depois daquele momento. Tudo havia mudado. Olhei para minha correntinha e falei, mentalmente: “Nós conseguimos”. A partir de agora, as coisas seriam complicadas e eu não faço ideia do que vai acontecer comigo, mas eu não me importo com isso agora. Tudo já havia sido feito. Era o início de uma nova era.